

# [ROMANCE]

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
**Parana** 

**KAN**  
editora

# NEGROSA

Rei Seely

# NEGROSA



# NEGROSA

Rei Seely

Copyright © Rei Seely  
ISBN 978-65-86198-56-0  
Londrina – PR  
1ª Edição

**Editora Kan**  
COORDENAÇÃO EDITORIAL

**ImagenPalavra**  
REVISÃO

**Visualitá® Gestão em Design Estratégico**  
DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seely, Rei	
Negrosa / Rei Seely. -- 1. ed. -- Londrina, PR : Editora Kan, 2025. -- (Romance)	
ISBN 978-65-86198-56-0	
1. Romance brasileiro I. Título II. Série.	
25-279124	CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romances : Literatura brasileira B869.3  
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Rua José Giraldo, 115  
Londrina – PR – CEP 86038-530  
Telefone (43) 3334-3299  
editorakan@gmail.com

# NEGROSA



## APRESENTAÇÃO

Rei sabe o que faz. Em seu primeiro romance, a carga poética de seus versos se une à fluidez de uma narrativa profundamente humana. A sensibilidade dele aflora na narração em primeira pessoa de sua protagonista. O poeta haitiano encontra uma voz feminina autêntica para contar uma história marcada pela paixão e pelo racismo.

Negrosa tem algo de mitológico, pois parece tocar no substrato que dá vida às grandes histórias humanas. Isso não faz desta história mais um exemplar do mesmo drama fatal, mas traz à tona o potencial de arquétipos sempre em conflito no campo das relações sociais, afetivas e subjetivas. A perspectiva singular do autor enriquece o romance com um olhar penetrante sobre a realidade das questões raciais, não no grande palco público da política articulada, mas no seio daquilo que é mais íntimo, pessoal. São essas instâncias tão particulares e aparentemente desarticuladas, pretensamente isoladas do tecido social, que se mostram encharcadas de sangue e de lágrimas tão coletivas quanto individuais.

As trincheiras da literatura brasileira ganham mais vitalidade na luta contra a ignorância e o preconceito que teimam a se reafirmar. Rei busca atingir os corações não num conflito aberto, mas envolvendo-os em uma trama familiar, com as marcas e sinais de uma realidade próxima. Seu apelo popular nada tem de ingênuo ou de calculista, estabelecendo uma comunicação empática com seu leitor sem subestimá-lo ou temê-lo.

Ele traz a riqueza e o mistério de sua cultura mostrando o quanto o Haiti está vivo no seio do Brasil, em sua densa humanidade e resistência. Um espírito de resiliência e afeto que não conhece fronteiras mesmo em meio a heranças obsoletas

e uma mentalidade colonial decadente. O conservadorismo sôfrego que hoje esperneia nada pode perante o poder do amor. A verdade do amor abala estruturas mesquinas, cria pontes duradouras entre as almas e reina invencível onde há liberdade e respeito. Essa é a celebração viva que Rei festeja nas páginas de Negrosa.

Luciano Schmidt

## PRÓLOGO

*Eu perdi as páginas mais preciosas da minha história  
Minha mãe, meu pai  
Asfixiou pela vaidade das vaidades que vai  
Sobre uma beleza química de raiz que sai  
Viver nada na melancolia humana  
E a morte é o ser de nada.*

|

*Ser um novo ser a cada dia, andar passo a passo na estrada da vida, amar e sonhar, viver despedidas, dormir e acordar em um novo despertar. Tudo se renova, todos os dias a vida muda, os lugares por onde percorremos o caminho por vezes é absurdo, porém surpresas maravilhosas nos capturam, a vida é trabalhada no re-viver, ao acordar se ama novamente.*

Minha mente é dura, o inverno chegou, eu estou completamente vazia. O tempo é doce e meu corpo faz gelo nas costas de meu príncipe Wanderg, que gosta de ficar sempre no meu verão. A festa de São João é a efervescência da cidade, as férias dão uma pausa de solidão, o singular é vergonhoso de uma atmosfera perfumando de energia de alegria, de risos leves que traduzem a tradição, os fiéis e seus coros rimando a vida e renascendo o santo imortal com o incenso, no cérebro-âncora de um espírito protetor, inválido para apaziguar suas calamidades de bem-viver.

Eu relevei o inconveniente de meu coração, não pude aguentar mais. Eu queria ver minha mãe, passaram-se alguns meses felizes porque sou a única filha. Sua vida parecia como uma noite sem lua por causa da doença que envelhece a flor de sua existência. Ela desejava apenas que meus planos seguissem seu curso para logo permanecer para sempre ao lado de meu Wan e meu pai fez sempre muito gosto em nossa união. Ele era de boa família, poderia me dar uma realidade confortável e sem preocupações. Eu sou como um beija-flor, todos os dias bebendo água doce em seus lábios.

Em junho passado, minha mãe me sugeriu aproveitar o dia de São João para fixar a data de meu casamento, eu julguei

importante, igualmente necessário. Conversei com meu pai, foi como se esta palavra estivesse fincada na lista de espera da sede de sua garganta. Ele me pediu para telefonar logo a meu namorado para marcar um encontro para planejar a data do casamento para o último mês do ano. Como Wan é herdeiro e sua mãe viveu na Alemanha depois da morte de seu marido Jazet Rossi, por causa duma discussão de herança familiar, ele seria o único a estar presente no encontro.

Nós marcamos o encontro no Café Noir, perto da Praça da Liberdade, na Avenida Zumbi dos Palmares. Às 18h, chegamos, enquanto ele nos esperava dentro do café. Os minutos e os segundos são como flores para decorar o entusiasmo.

– Vamos pedir algo para comer, gente! – Meu pai falou.

Olhou para o cardápio e fez um pedido online para que a garçonete chegasse até nossa mesa. Quando a garçonete veio chegando, ele se irritou silenciosamente.

– Agora qualquer um trabalha nesse lugar! – Disse ele.

– Em que posso servi-los? – Disse a garçonete com a paciência de um monge. Ela estava simples como a simplicidade, seu rosto mostrava que era uma pessoa muito educada, poderia ser uma imigrante que veio buscar uma vida melhor, com seus diplomas universitários e qualquer coisa lhe faz feliz para reanimar sua vida. Às vezes, os diplomas são como uma fita métrica, eles servem para medir o nivelamento de comportamento social. O dinheiro é democrático!

Ela tinha cabelos curtos, uma pele de cor de carnação, seu sorriso era maravilhoso e cintilava para convencer o cliente.

– Um café preto, por favor! Ei! Desculpa, um café tradicional. – Disse meu pai.

Então ele e meu namorado começaram a rir. Via as pessoas em suas mesas, a garçonete ficou encabulada, um homem negro ao perceber do que as pessoas riam em minha mesa levantou-se, em seus olhos vi descontentamento, olhei seus movimentos, por um segundo seus olhos passaram pelos meus. Eu não entendi o porquê meu pai insistia nessas piadas

ridículas. Ele interrompeu meus pensamentos, não deu ouvidos, a conversação transformou-se como uma cena de Mister Bean e a garçonete foi a protagonista do encontro.

*O preconceito é uma arma silenciosa, não se ouve, mas o estrago é sempre grande.*

O tempo na cafeteria foi perfeito para acertarmos os detalhes, as borboletas em meu estômago estavam agitadas. A igreja já estava agendada e a recepção aos convidados também. Sem dúvidas planejamos um festão, onde íamos celebrar a união de nossos corações. Apenas os sapatos de Wanderg não foram comprados para o grande dia, mas ele sempre foi desorganizado com os detalhes. Ah, como eu o amo, a expectativa de formar uma família me fazia levitar.

– Minha filha, tudo está do seu agrado? – Disse meu pai me fitando os olhos.

– Sim, papai! Tudo perfeito. – Respondi com felicidade. Os olhos de Wan brilhavam como a água correndo no rio Iguaçu.

– Meu amor, será um casamento inesquecível o nosso! – Disse Wanderg, sorrindo os olhos para mim. – Nossa casa já está quase toda mobiliada, e os presentes não param de chegar. Quanta alegria! Sinto o amor dele envolvendo o meu todo. Dentro e fora em mim, por todas as partes do meu mundo. Meu amor é como um rio, onde ele bebe a alegria e minha vida acelera como uma onça aventureira atrás de sua presa, minha alma deseja por muitos dias acordar em plenitude sentindo o ardor de meu galo que me serve de casaco para aquecer minha frigidez do inverno de arrepios.

||

*A fantasia do existir, as coisas parecem ser, mas nem sempre são, na loucura tudo se esvai. Ser e não ser são duas coisas diferentes hoje, pode-se ser sendo e ser não sendo. Mostra-se uma face, porém outra se desvela na loucura, nada é certeza, ainda existe algo de verdadeiro e bom, quase nada se encontra; raridades em meio à loucura. As raridades, quando encontradas, devem ser preservadas, a loucura nos persegue dia a dia, em cada esquina, em cada palavra, em cada gesto. É a era das máscaras!*

Eu me lembro da primeira vez em que as doces mãos de Wan me tocaram, era uma noite de verão no auge da escuridão de carne e de barulhos perversos, meu corpo arrepiou-se, toquei sua pele molhada de desejo e meu desejo era grande, seus dedos sobre meu membro alimentavam minhas veias libidinosas, meu corpo sentia sede dele.

Puxa! Queria ter Wan em meu centro de gravidade durante toda a noite, o motor dele falhou, ele me deixou molhar de vontade, doce como uma soda. Por alguns instantes, me fugiram os pensamentos, eu esperava que ele me tocasse e que fizéssemos amor pela manhã.

– A noite de ontem foi maravilhosa, eu te amo, doçura. – Do banheiro ouvi sua voz dizendo. Suas palavras tocaram meu coração sensível, mas não meu corpo ardente. Eu estava em chamas e as chamas me queimavam. Meus pensamentos me arrebatavam como a fome. Ele é aquele que vai preencher minha tristeza e desvelar meus anseios! Ele vai realizar meus desejos mais íntimos porque amar é não se cansar de desejar, não se cansar de ouvir a voz, é estar para, é querer ininterruptamente.

*A vida é assim:  
Um NÃO ou um SIM  
E a morte é seu fim.*

*O vento é suave  
E nosso corpo é leve  
Quando você me escreve  
Você me serve  
De alegria para esquecer  
O nada de meu sempre que envelhece.*

A dor invadiu meu quarto, o vento que entrava pela janela arrepiava meus braços, meu ventre reclamava em um aperto e solta constante. Meu corpo não funcionava, o tic-tac do relógio era um incômodo profundo. Bastiana, meu anjo de todas as manhãs, bateu à porta do meu quarto.

– Querida! Acorde, venha tomar seu café que fiz com tanto zelo. – Ela disse com a voz doce de sempre. Bastiana cuidou de mim como uma filha desde que veio trabalhar para minha família, não a vejo como empregada, ela zela por mim como uma mãe. Sua pele morena deve ser o segredo das delícias que fazia em nossa cozinha, sempre trazia um leve sorriso no rosto, calmaria que contagiava toda a casa, era como a brisa do mar.

– Bá, não me sinto bem, estou enjoada, sinto muita cólica. – Eu disse tentando esquecer-me da dor que se movia dentro de mim. Esta foi a primeira aparição da dor, há tempos me sentia bem, nenhum problema de saúde me assolava, tomei alguns comprimidos para passar minha dor, deitei-me novamente por algumas horas. Pronto! Tudo estava bem.

Fui até a floricultura escolher as flores da decoração da igreja e do salão de festas, teriam que ser muitas, pois os dois lugares eram imensos. Durante todo o caminho pensei em margaridas, brancas e suaves como meu vestido, chegando lá me apaixonei pelas petúrias, tão pequenas, delicadas e suaves, escolhi a branca com manchas rosadas e miolo amarelo, suas

folhas verdes dariam a sensação de ar puro que precisava para render esperança dobrada à minha nova vida.

– Bela escolha, senhora. – Me disse a florista. – Apenas me diga a data e o local onde as flores devem ser entregues. – Espontaneamente lhe dei todas as informações, as borboletas agitavam-se em meu estômago, minha voz saía trêmula por demasiada alegria em meu ser.

A dor invadiu-me novamente, já era noite, meu Wan veio juntar-se a mim, em meio às carícias, percebeu meu desconforto, eu disse a ele o que sentia, Wan com os olhos arregalados fitados em mim, disse:

– Será, meu amor? Oh, meu Deus! – Colocou a mão sobre os lábios, nos olhos haviam sinais de uma emoção profunda. Eu não compreendi no momento, mas passados alguns segundos minha mente reagiu. – Eu não acredito! Será? Mas ... como? – Pelos meus pensamentos passaram imagens de anjos, meu coração acelerou, eu me imaginei com a barriga grande e com meus seios enormes, carregados de vida. A família dele anseia muito por um herdeiro, eu sempre sonhei em ser mãe, mil coisas passaram pela minha mente, a dor pulsava em meu ventre, eu estava feliz em agonia. A alegria da vida me tocou, mas eu não deveria criar tantas expectativas, não sabia ao certo se era o que parecia ser em mim. A expectativa é como um filhote de pássaro com fome, aguardando a mãe trazer-lhe comida mastigada. As dúvidas pairavam em mim, teria eu me esquecido de meu anticoncepcional algum dia? Seria graça divina? Ou seria nada? O nada em mim pairou, tudo ficou lento, ver os movimentos dele em minha frente era como observar uma lesma calma e vagarosa, um pensamento surgiu, precisava de um médico para tirar de mim as dúvidas de alegria e felicidade.

– Não conte a ninguém, Wan. – Foram estas as palavras que consegui pronunciar. – Vamos confirmar com o médico primeiro.

Ele olhou para mim balançando a cabeça dizendo sim, eu

vi a alegria da vida em seus olhos azuis, sua ansiedade pulava em mim e me atingia como agulhas a me espetar. A dúvida que esmorece o homem faz o todo entrar em turbulência.

Naquela noite, ele ficou em minha casa, deitou-se ao meu lado em minha cama, acariciou delicadamente meus ombros, disse em meu ouvido:

– Se isto se confirmar serei o homem mais feliz do mundo.

Esqueci-me da dor, sua voz era como chama em mim, o desejo dopou minha dor, seu toque me entorpeceu, virei-me para ele, meus olhos fitando diretamente sua boca macia, fonte do meu desejo, calor dos meus dias, desejei tocar-lhe intimamente, não o fiz para esperar uma reação imediata de sua boca em mim, ele tocou delicadamente meus lábios com sua boca macia, senti sua língua fazendo-me queimar de desejo.

– Ah, gostaria de suas mãos em toda parte, deslizei minhas mãos pela linha do seu tronco, chegando meu corpo a colar-se nele, minha respiração era funda, mais que profunda, ao sentir seu doce toque em minha perna, eu a movi enganchando-a em seu quadril. Tão perto senti tocar em mim seu cetro, maduro como o fruto em sua época, não era mais eu. Subi em seu corpo, meus lábios percorreram sua boca, seu pescoço, seu peito, seu quadril, até meus lábios tocarem onde ele desejava, senti sua mão envolver-se em meus cabelos, puxando forte, eu sabia o que deveria fazer. Tudo estava em minha boca, meus movimentos subiam e desciam, minhas mãos passavam em suas pernas, senti seus pés se moverem em frenesi, sua voz era embargada, meu instinto era rápido, molhou-me. Subi delicadamente aos seus lábios, tudo acabara ali. Virou-se e disse:

– Meu dia foi corrido, preciso descansar.

Fiquei morna, meu desejo sufocou-se em mim, fui ao banheiro, toquei-me como gostaria de ser tocada, demorei, meu desejo encapsulou-se dentro de mim mesma, eu supri minha necessidade tristemente, as minhas mãos não eram as

dele, mas estavam boas para me levar ao prazer momentâneo. Tocando-me pensei em meu Wan, o prazer foi imenso, gemi e me lavei. Amanheceu, ele já não estava mais na cama, apenas um pensamento me veio, preciso me consultar com minha médica. Alcancei meu celular ao lado da cama, abri a agenda...

– Consultório da doutora Lilian, bom dia, em que posso ajudar? – Disse apressadamente a secretária.

– Bom dia, é Kate, gostaria de marcar uma consulta para hoje mesmo se possível. – As palavras saltaram da minha boca.

– Hoje, deixe-me ver, às 15 horas está bom?

– Perfeito! – Respondi imediatamente, a ansiedade como uma mosca voando apressadamente. Passei meus dados para a secretária, há tempos Doutora Lilian cuida de meus assuntos de mulher, sempre aprecio minhas consultas com ela, é como uma aula de medicina ginecológica. Ah, sentia-me aliviada, consulta marcada, definitivamente eu estava pronta para meu dia.

– Bom dia, Bá! Meu café! Preciso! – Disse descendo rapidamente as escadas. – Onde está papai?

– Bom dia, querida! Você melhorou mesmo! – Ela sorriu com luzes para mim. – Seu pai já saiu, seu café está aqui.

Eu amava Bá, compensava a falta que sentia de minha mãe perto de mim, desde que foi para a clínica, sentia um imenso vazio, por todos os cantos buscava sua voz e suas doces canções pela manhã.

A vida é mesmo sensível, a saúde é como o respirar, quando falta o ar tudo expira e as cores desaparecem dando lugar somente ao desespero, aí está ela, a finitude, tudo começa, tudo acontece e tudo termina. Minha manhã logo passou, como um pássaro apressado para seguir o bando, o relógio correu rápido, mais rápido que eu. O almoço com meu pai quase não tocou meu estômago, eu queria tirar minhas dúvidas, eu nunca fui boa em lidar com elas.

Dúvidas, eu nunca tive dúvidas sobre Wan, meu príncipe Wan, desde que seus olhos azuis me encontraram eu soube, era ele, algo dentro de mim me disse, é ele e foi e é. A dor me

incomodava, queimava dentro de mim, passava, voltava. Breves de tensão e relaxamento. Tic-tac, era quase a hora. Decidi tomar um banho, visitas a ginecologistas são sempre uma surpresa. Tic-tac, estava eu em direção ao consultório da Doutora Lilian.

– Boa tarde! Tenho uma consulta marcada com a Doutora Lilian às 15 horas. – Eu disse à secretaria apressadamente – Vai demorar?

– Só um instante Senhora, é Kate, certo? Ok, em alguns instantes vamos te chamar, sente-se, fique à vontade.

Ficar à vontade, as pessoas sempre dizem isso, mesmo em situações complexas, como é possível sentir-se à vontade com tantas dúvidas em minha mente? Para mim, não seria possível. A porta se abriu, uma mulher com um sorriso enorme saiu da sala da doutora, seus olhos eram como o cristal, brilhavam e refletiam seu brilho, logo o seu companheiro saiu também, lhe deu a mão e a olhou carinhosamente.

– Não se preocupe, tudo está bem agora, amor. – Disse ele com a voz tranquila.

Meu Wan poderia ...

– Kate. – Disse Dra. Lilian. – Vamos lá?

Não concluí meu pensamento, entrei na sala branca com cheiro de álcool, uma limpeza leve, quase não sentia o ar entrar e sair de meus pulmões.

– Olá, doutora! – Disse sem pensar, saíra de mim uma fala automática.

– Sente-se, diga-me, o que está acontecendo? – Disse Dra. Lilian com uma serenidade incontestável.

Expliquei a ela minhas dores, os episódios que tenho passado, cólicas e enjoos, paz e guerra dentro de meu ventre. – Penso que pode ser gravidez, doutora. – Quando proferi estas palavras meu coração saltou em mim.

– Ah, nós vamos saber em breve, vou pedir alguns exames, você pode fazê-los na clínica do outro lado da rua, vou prescrever todos aqui... – Pensou. – Sangue, ultrassonografia transvaginal, papanicolau... – Disse ela escrevendo e falando

pausadamente. – Prontinho, esses aqui você deve fazer e me trazer o resultado assim que possível, em torno de uma semana ou menos quando ficam prontos, vamos dar uma olhadinha em você?

Respondi apenas balançando a cabeça que sim, então fui atrás de uma cortina, me despi e coloquei uma roupa de tecido fino dada por ela.

– Pode subir aqui. – Falou indicando a maca macia. – E coloque uma perna aqui e a outra aqui. – Fiz como a doutora me indicou, qual mulher se sente bem nesta posição sem ser para fazer sexo? Nenhuma. É como estar aberta para algo inesperado, algo que pode entrar com incômodo, é abrir para se deixar ver, para se deixar observar o mais íntimo do corpo. Eu senti algo gelado, me arrepiei, ela não dizia nada, quando seu dedo tocou minha ...

– Ai! Isso doeu! – Minha voz saiu sem que eu ordenasse, me retrai.

– E aqui, dói? – Perguntou Dra. Lílian me invadindo um pouco mais.

– Sim! De leve, mas dói.

– Certo, pronto, terminamos, pode descer e se vestir. – Disse Dra. Lilian, sua voz já não era tão suave.

Me vesti, peguei os papéis que ela me entregou e desconfortavelmente me movi para sentar-me na cadeira da sala. – Me traga os exames quando puder, então conversamos mais. – Foi apenas isso que ela me disse. Me despedi, saí da sala, meu andar não estava bom, a calça me incomodava. Fui diretamente ao prédio em frente ao consultório, realizaria os exames todos no próximo dia, meu corpo sentiu a angústia de saber que seria invadido novamente no dia seguinte.

Naquele dia, Wanderg não veio, apenas deixou uma mensagem para mim no celular. *“Oi, espero que esteja bem, amanhã nos vemos, eu te amo”*. Ele poderia ter ligado, mas eu entendo, ele trabalha muito. A consulta e a invasão me cansaram muito, senti tudo tocado, incomodado, violado,

escarafunchado. Queria apenas minha cama macia para relaxar, sem roupas, sem toques, sem companhia. No dia seguinte, seria assolada novamente pela íntima invasão alienígena dos exames.

A noite me engoliu. O sol não invadiu meu quarto naquele dia, meu celular despertou e logo ouvi o barulho das mensagens chegando. As nuvens apagaram o sol. Chequei minhas mensagens, fui diretamente às mensagens dele, havia apenas uma: *"Bom dia, amor! Espero que os exames corram bem, me avise quando terminar, vou trabalhar, beijos."* A mensagem acendeu meu dia. Meus exames seriam logo, às 9 horas ... ainda eram 7...

Meu estômago me chamou, fui obrigada a ignorar, deveria estar em jejum para a coleta do exame de sangue, logo em seguida, já passaria pela invasão alienígena. Antes de ir, decidi ligar para a clínica onde estava minha mãe, ela me fazia muita falta, eu precisava ouvir sua voz em meus ouvidos, saber que de fato ela ainda está. Liguei e primeiramente falei com a recepção da clínica, pedi para passarem a ela o telefone.

– Filha? – Disse ela com alegria e desespero. – Filha, é você?

– Oi mãe, sou eu, sou eu, que saudade, eu precisava falar com a senhora, eu te amo tanto e sinto tanto a sua falta, como a senhora está? – As palavras escaparam da minha boca, eu tinha muita necessidade de falar com minha mãe, ela sempre estava comigo, agora me sinto perdida. Meus três amores, papai, mamãe e meu Wan.

– Estou bem filha, também te amo, querida. Você está bem? Está se cuidando? Como estão os preparativos para o casamento? Mal vejo a hora de voltar! Como está seu pai? – Disse ela com a voz animada.

– Estou bem, mamãe, papai está bem! Hoje vou realizar alguns exames, os preparativos do casamento estão de vento em popa, tudo perfeitamente perfeito! Eu estou tão feliz! Quero que volte logo, estamos todos esperando...

– Exames? Que exames, filha? Você está doente? Não minta pra mim, Kate! – Disse minha mãe desconfiada.

– Nada demais, mãe! Não se preocupe, apenas exames de rotina. – Eu não poderia dizer a ela minhas suspeitas. – É bom conferir a saúde antes do casamento, para ficar tranquila, qualquer coisa fora do normal eu te conto, você precisa voltar logo ...

– Está bem minha filha, faltam apenas alguns procedimentos, assim que acabar você sabe que volto correndo!

– Está bem, mãe, vou desligar, preciso ir, senão vou me atrasar, e você sabe como eu odeio atrasos. – Nós duas rimos, a alegria nos contagiou. – Um beijo, mãe! Te amo.

– Ok, filha! Você é minha preciosidade, nunca se esqueça disso, um beijo.

“Tu-tu-tu”... Fez o telefone quando ela desligou, seu amor me faz mais confiante. Me troquei, desci alegremente as escadas, nem parecia que estava para ser invadida.

– Bom dia, papai lindo! Não posso comer! Vou para o sacrifício.

Ele riu alto de mim e eu retribuí com um riso intenso.

– Você está animada! Bom dia, filha! Me dê um beijo! – Beijei seu rosto delicadamente.

– Agora me diga, você falou com sua mãe que eu sei!

– Sim, pai! – Respondi rindo. – Ela está bem e a alegria dela me contagiou, preciso ir, não quero me atrasar.

– Bá! Quando eu chegar, vou precisar da sua comida! – Disse alto para que Bá me ouvisse da cozinha.

– Sim, Kate! Eu sei disso. Bom dia, querida, vai com Deus! – Respondeu ela com a voz animada como sempre.

Meu pai gargalhou, fazia dias que ele não sorria assim, sentia falta de minha mãe também, mas logo ela estaria de volta. No caminho, pensei em minha mãe novamente, logo completaria quatro meses na França, ela estava em boas mãos, eu sei, mas me preocupava com ela longe. Fazia dois anos havia

descoberto um tumor maligno no seio, todos os tratamentos no Brasil foram em vão, então foi para França, internou-se em uma clínica especializada no tratamento do câncer, onde faria a remoção do tumor e a reconstrução da mama esquerda. A saúde é vento.

Chegando na clínica para coletar os exames, o primeiro foi o de sangue, nunca tive problemas com agulhas, o enfermeiro foi rápido e preciso, como a língua de um sapo a pegar um inseto. Me ofereceram chá com bolachas, comi, estava tão vazia que as bolachas fizeram eco no meu estômago. Sentei-me para aguardar a invasão alienígena, na tela que estava na minha frente iria aparecer o número da minha senha e o consultório onde deveria ir. A tela apitava, a cada apito, um sinal de que a invasão estava próxima. "Plim!". Minha senha apareceu na tela, consultório 8, Dr. Daniel Misuko. Me dirigi devagar, cautelosamente, até a sala.

Na sala, estavam o doutor e uma assistente, tudo era claro demais, branco demais, limpo demais. Me deram uma espécie de roupa especial, era verde com uma abertura grande na parte de trás.

– Pode se trocar no banheiro, a abertura virada para trás.  
– Disse a assistente gentilmente. – Pode deixar a roupa no banheiro mesmo.

Entrei, retirei minha saia (vesti saia aquele dia, pensando que talvez fosse mais fácil, mas tive que tirar tudo), senti o chão gelado nos pés, comecei a colocar a roupa, não sabia ao certo onde colocar a cabeça, observei a peça, encontrei a abertura da cabeça e coloquei. Havia duas fitas na roupa, amarrei com um laço atrás, olhei no espelho, eu estava pronta para a invasão.

– Deite-se aqui. – A assistente apontou com as mãos para uma espécie de maca, como a da ginecologista. – E coloque as pernas aqui. – Coloquei a perna no lugar indicado. – Abra mais, mais um pouco, isso, assim está ótimo. – Eu estava realmente aberta para a invasão, o doutor estava ao meu lado, olhava atentamente para o local a ser examinado. Desconfortável, assim que me sentia.

– Com licença, vou aplicar um gel, você vai sentir algo gelado. – Disse o doutor.

Meu corpo enrijeceu, senti o gel refrescante, naquele momento, eu só desejava que fosse rápido.

– Vou colocar o aparelho, é como uma lupa, para poder enxergar tudo o que preciso. Vou aplicar um líquido, é iodo, pode sentir um leve ardor. – Disse o doutor com paciência.

Senti colocar o aparelho, doeu pouco, mas quando o líquido foi aplicado, senti queimar por dentro, apertei os olhos e pensei que seria mais fácil se imaginasse a imagem de meu Wan, mas não funcionou. Depois de algum tempo de observação o doutor olhou para mim e disse:

– Precisaremos realizar uma biópsia, tudo bem? – Respondi que sim com a cabeça, o fogo estava ardendo dentro de mim.

– Vou tirar um pedacinho de você, vai sentir uma picadinho. – Disse o doutor tranquilamente. Picadinho? Além do fogo, senti algo me cortando, uma lágrima caiu de meus olhos. Ah, que dor horrível. Eu apenas pensava que a invasão estava invasiva demasiadamente. – Pronto! Acabamos essa parte. – Disse o doutor tentando me tranquilizar. Respirei. – Agora vamos passar o ultrassom, vou passar um gel novamente. – Eu só pensava em acabar logo com aquilo. – Vou passar um gel geladinho. – Disse o doutor enquanto passava o gel. – Pronto, vou introduzir, relaxe. – Senti entrar, movia-se para um lado e para o outro o aparelho de ultrassom dentro de mim, penetração sem prazer, pensei, a invasão realmente estava seguindo seu curso. Para lá e para cá, para cima e para baixo, mais profundo e mais raso, assim era a coisa dentro de mim.

– Você deve levar estes exames para a sua médica assim que os resultados saírem. – Disse o doutor.

– Há algo de errado? – Disse com preocupação.

– Sua médica vai lhe dizer, mas há alterações.

– Seriam alterações de gravidez? Eu esperava que fosse.

– Pronto! Pode descer e se trocar. – Disse o doutor tranquilamente.

Desci rapidamente. A assistente me entregou um absorvente e disse que no decorrer do dia os resíduos dos líquidos aplicados sairiam devagar. Entrei no banheiro e me troquei, o inferno havia passado, apenas a queimação persistira em ficar. Me despedi do doutor e de sua assistente, que me informaram que os exames estariam prontos em sete dias, seriam sete longos dias.

A queimação estava em mim, me esqueci da fome, gostaria de chegar em casa e encontrar meu Wanderg a me esperar, eu precisava de carinho, de amor, de beijos... Precisava dele. Enviei a ele uma mensagem para estar comigo após o trabalho, imediatamente respondeu que iria assim que terminasse. Meu ser entrou em alegria, apesar da dor, ele era o único combustível capaz de me mover naquele dia. Meu coração estava nas mãos de meu príncipe, eu nunca acreditei em príncipes antes de conhecê-lo.

Meu Wan veio naquele dia, eu não estava animada por causa da invasão, apenas jantamos com meu pai, ele passou algum tempo comigo, me deu um beijo doce e foi embora. Eu ainda sentia queimaduras dentro de mim, poderia ser meu filho ali dentro, eu estava ansiosa pelo resultado dos exames, Wanderg também, ele me disse naquele dia antes de ir embora:

– Tudo vai acabar bem, será maravilhoso independente do resultado dos exames.

Eu confiava nele, ele era meu porto seguro, meu chão, meu mundo, minha vida, com ele eu iria realizar todos os meus sonhos de ter uma família linda e feliz.

Naquela semana, as horas eram um enfado para mim, não passavam, não corriam, não findavam. Ele esteve comigo várias vezes, juntos resolvemos alguns preparativos para o casamento, visitamos nossa futura casa.

Ah, nossa futura casa! Era tão linda e espaçosa, meu jardim quase estava repleto de flores, a casa tinha cheiro de vida nova e cor de esperança. Eu pensava em ter um cão, grande e peludo, para animar nosso lar, ele não queria muito isso, mas

por mim ele disse que poderíamos ter. Não havia o que ele não faria por mim. Ele era meu tudo. Os dias passavam arrastados, eu e ele queríamos saber sobre o resultado dos exames, quem sabe já poderíamos comprar roupinhas de bebê, então nosso novo lar seria como um ninho, preparado amorosamente para o fruto de nosso amor. Meu coração estava sedento para destruir a dúvida cruel que o assolava, minhas entradas puxavam e repuxavam de horas em horas, havia algo ali, havia algo. O mistério da vida, seria isso? Seria o mistério da vida se revelando em mim? Ele havia me dito que jamais me deixaria, havia me dito que seríamos um por toda a nossa vida, porque ele me amava com todo seu coração, este amor me dava forças para suportar a espera. Meus dedos coçavam de vontade de ligar para a clínica para saber se já havia saído os resultados, mas eu sabia que seria em vão, teria de esperar.

### III

O dia amanheceu caloroso, sim! Era o momento em que saberia se estava com o dom da vida dentro de mim, a hora demorou a chegar, mal podia conter minha curiosidade, naquele dia, ele me ligou pela manhã.

– Bom dia, amor! Eu te acordei? – Disse a sua doce voz no telefone.

– Amor, não, eu acordei faz tempo, estou ansiosa, por que você não vai comigo receber o resultado dos exames? Quero você comigo ... – Eu disse com a voz macia, tentando seduzi-lo para ir comigo.

– Amor, você sabe, tenho uma reunião importante na empresa, mas estarei com você em pensamento. – Disse ele com pesar. – Quando você chegar com os resultados, me ligue e vou correndo te encontrar.

– Eu ligo. – Disse desanimada, ele deveria ir comigo, mas eu entendia seus compromissos. – Assim que chegar eu ligo.

– Eu te amo, me traga boas notícias! – Disse ele animado, em tom de adivinhação, ele tinha quase certeza que seu filho estava dentro de mim, naquela semana, senti muitos enjoos e ele os presenciou.

Bá também estava desconfiada de uma possível gravidez, ela também viu minhas sessões de enjoos, ela me dissera que sentia algo em mim, algo que indicava vida, ela sempre foi sensitiva, sabia das coisas só de olhar, mas a confirmação médica seria a chave que abriria o cadeado.

Num pulo, levantei, desci até a copa, tomei meu café ao lado de meu pai, com a ausência de minha mãe ele sentia-se vazio, a casa perdeu um pouco de vigor sem a presença dela. A casa parecia ser maior do que realmente era, ouvia-se o eco de nossas vozes ao falar alto, apenas recebemos visitas dele

naqueles dias, meu pai não tinha mais tantos amigos como um dia teve. Ele me desejou sorte, deu-me um beijo no rosto e me dirigiu para fora, entrei no carro e fui em direção à clínica.

Chegando na clínica, ansiosamente estacionei o carro e quase corri de tanto que apressei meus passos, fui até a recepção, fui até a sessão de entrega de exames, dei alegremente meu documento, meu dossiê estava pronto, exatamente naquele momento minhas mãos começaram a suar. Peguei os exames, agradeci e rapidamente me dirigi para a saída da clínica para encontrar Dra. Lilian em seu consultório, eu pensava em minha mente: "Mais rápido! Mais rápido!". Nunca atravessar a rua foi tão lento, cheguei na porta do prédio onde Dra. Lilian atenciosamente me atendia, entrei no elevador, subi ao terceiro andar e, finalmente, eu estava lá. Ao entrar, falei apressadamente com a secretária, sentei-me para esperar, cada segundo era uma agonia, minha vontade era de abrir os exames e ver por mim mesma tudo o que havia lá, mas de qualquer maneira eu não entenderia. Me distraí em meus pensamentos.

– Kate? – Disse Dra. Lilian interrompendo meus pensamentos. Levantei e entrei na sala, sentei-me e entreguei os exames.

– Aqui estão, doutora, estou ansiosa para saber. – Disse com os olhos arregalados e brilhantes.

– Vamos ver, Kate, vamos ver o que está acontecendo em você.

Ela olhou todos os exames, olhou e olhou, parecia estar decifrando algo, se eu estava grávida bastava me dizer, mas seu semblante ficou sério e preocupado.

– O que dizem os exames, doutora? Estou de fato grávida? – Perguntei antes que ela dissesse algo.

– Vamos lá. – Disse ela com um peso na voz. – Seus exames não indicam gravidez, Kate, indicam outra coisa...

Pensou um pouco, olhou para mim seriamente, meus olhos já haviam se molhado de deceção, não havia uma

semente dentro de mim, não estava ali a semente tão esperada, minha terra não fez brotar o fruto de meu amor com Wanderg.

– Diga, doutora! O que há comigo? – Eu disse automaticamente.

– Kate, veja, seus exames indicam endometriose. – Disse mostrando-me os laudos, meu cérebro não reagiu, então ela me explicou. – A endometriose ocorre quando há fragmentos do endométrio em outras partes da região pélvica, no seu caso é nas tubas uterinas e no ovário, o exame mostra detalhadamente, em seu exame vemos que é avançada, vemos lesões que precisam ser tratadas e cauterizadas, mas infelizmente a deformidade anatômica causada pela endometriose pode resultar em infertilidade. Kate, suas lesões são profundas, seus ovários estão seriamente comprometidos, certamente agora você não poderá mais engravidar. Você entende o que estou dizendo?

– As palavras faziam eco em minha mente...

– Mas como? E meus sintomas de gravidez? Não pode ser ...

– Os sintomas da endometriose são semelhantes aos da gravidez, agora precisamos iniciar o tratamento, vou receber um antibiótico, então dentro de cinco dias podemos fazer a cauterização, é necessário que seja no hospital, é um procedimento não muito demorado e não requer anestesia. Deixe-me ver minha agenda... Podemos marcar na próxima quinta-feira, no Hospital Central, vou te dar o endereço. Kate? – A doutora chamou meu nome, eu não estava ali, meus olhos estavam marejados.

– Eu nunca vou poder dar um filho a Wanderg? – Foram as únicas palavras que saíram de minha boca, com as lágrimas de meus olhos, meu corpo estava imóvel, eu olhava para lugar nenhum.

– Kate, Wanderg te ama, isso não fará diferença a ele, vocês podem adotar uma criança, agora o mais importante é cuidar de você, isso não pode esperar, não é algo agradável

receber esta notícia, mas não posso mentir para você.

A paciência da doutora me incomodou, eu recebi a pior notícia de toda minha vida, meus pais não poderiam mais ter netos de sangue, eu não poderia ter filhos de sangue, Wan não poderia mais semear em minhas terras, elas não são mais férteis.

Encontrei-me em mim, passei as mãos geladas em meu rosto, respirei profundamente, confiei no amor de meu Wan, confiei no amor de meus pais por mim, confiei em mim, eu poderia suportar isso, eu poderia encontrar outras maneiras, eu não estava sozinha.

– Vamos marcar o procedimento, tem razão doutora, vamos cuidar de mim.

Fiz-me de forte, por dentro meu ser clamava por clemência, mas eu não podia fraquejar, não agora.

– Que bom que compreendeu, vamos agendar. Logo você ficará boa e as dores irão passar.

– Disse a doutora com a calma da brisa do mar.

– Meus pensamentos estavam agitados, eu queria chorar, gritar, mas não podia. Teria de ser forte para meu Wan. Meu coração estava triste, meu ser estava desolado dentro de mim, mas pensei nas palavras que Dra. Lilian me disse, poderíamos adotar uma criança, ainda era possível construir uma família. A esperança acendeu uma chama dentro de mim, uma chama pequena e tímida, eu estava entristecida demais para dar lugar a esta pequena chama, mas sei que o amor dele faria esta chama acender mais e mais a cada dia.

Eu não sei como meu corpo me guiou para casa naquele dia, eu não vi nem ouvi nada, apenas segui o caminho para casa. Quando cheguei, Bá rapidamente veio até mim cheia de expectativas, eu não queria decepcioná-la, mas não haveria outra maneira.

– Querida, me diga! Como foi? É mesmo um bebê? – Disse ela animada como um raio de sol, então olhei para ela e naquele momento exato ela compreendeu que algo não estava certo,

ela pegou em minha mão e levou-me até o sofá. – Querida! O que houve? Por que você está assim? Me diga... Não chore...

Naquele momento, eu desabei, meus olhos eram rios no abraço de Bá. Minhas águas não queriam cessar, meu soluço era de descontentamento.

– Eu não posso ter filhos, Bá... Eu não posso mais... Tudo está tão confuso... – Minha voz era como a voz de uma criança chorando. – Meus exames, Bá... Meus exames, estou doente... Meus exames dizem que não posso mais ter filhos... Minha voz saía embargada pelo choro, as mãos de Bá passavam em minhas costas para me acalantar.

– Oh, querida, não chore, estou aqui com você, se acalme.

– A voz de Bá era um barco a navegar no rio dos meus olhos.

Ao me acalmar, expliquei tudo a ela, todos os detalhes que a doutora havia me dito. Uma coisa era certa, precisava falar com Wan. Pedi a Bá que o chamasse, minha voz se perdeu em mim. Enquanto isso, fui ao banheiro, me despi, liguei o chuveiro, deixei que as águas passem pelo meu corpo para me relaxar, sentei no chão embaixo do chuveiro quente, ali fiquei pelo tempo que precisei, o vapor em volta de mim era como eu dentro de mim mesma. A noite caiu em meu coração. Wan chegou, foi diretamente a meu quarto muito preocupado, bateu à porta e disse:

– Meu amor! Posso entrar? – Não respondi, a porta estava aberta, Wan entrou e me viu deitada em minha cama apenas de roupão. – O que aconteceu, amor? – Disse ele com a voz mais doce do mundo.

Levantei, peguei os resultados dos exames, entreguei todos na mão dele, ele folheou os exames um a um e disse:

– Não entendi nada, amor, você está grávida?

– Não... – Disse baixinho, foi quase um sussurro. – Eu estou doente. Amor, meu amor, estou muito doente, algo aconteceu dentro de mim, não posso mais ter filhos. – As lágrimas rolaram em meu rosto.

No mesmo instante, ele deixou todos os exames caírem

no chão, seus olhos eram como os de uma coruja, não se moviam, olhavam atentamente para mim tentando entender o que eu havia dito. Naquele momento exato, esperei por seus braços a me acalentar, por sua voz me dizendo que tudo ficaria bem, mas não, ele apenas ficou ali, parado, olhando para mim.

– Eu sei que você me ama, eu sei que isso não muda nada, eu estou tentando ser forte, eu preciso tanto de você.

– Minha voz era uma súplica. Ele nada disse, apenas deu dois passos para trás. Meu coração bateu desesperado ... – Você vai estar ao meu lado, não é? Você me ama ... Me ajuda a passar por isso ... – Minha voz era como o desespero, meus olhos não acreditavam no que eu estava vendo, Wan ali, parado, sem ser capaz de dizer que me ama.

Novamente ele nada disse, abaixei minha cabeça, eu não poderia exigir nada dele agora, ele estava confuso. Ele levantou os olhos para mim e disse:

– Amanhã conversamos.

Então saiu de meu quarto como se não me conhecesse mais. Eu não tive reação, não havia nada a ser feito. Minhas esperanças estavam minguando, meu coração sufocava na agonia da solidão. Apenas ouvi o barulho de seu carro saindo apressadamente de minha casa. As únicas coisas que me permiti fazer foram levantar-me, trancar a porta do quarto e deitar-me em minha cama acompanhada de meus pensamentos. Tirei o roupão que cobria meu corpo, eu precisava de uma noite em minha companhia. Eu e eu mesma, meu corpo e eu, meu corpo que não funcionava mais como deveria. Eu pensava se ele havia entendido o que disse, se ele voltaria no dia seguinte para me abraçar e me encher com seus carinhos. Eu tinha certeza, ele me amava e faria tudo por mim, isso acalmava meu coração, porém a dúvida beliscava meus pensamentos. Ver Wan como vi, em minha frente, completamente sem reação, aquilo me fez mal, ele nunca havia feito isso antes, mesmo com os maiores problemas.

A minha necessidade dele era grande, eu não suportei o

silêncio, alcancei meu celular, meus dedos estavam ansiosos, rapidamente apertei em seu nome na tela, a ligação completou, ele não havia desligado o celular, então começou a chamar, "tuuuu-tuuuu- tuuuu". Chamou, chamou, chamou... "Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa postal...". A secretária eletrônica começou a falar, desliguei imediatamente. Ele não me atendeu ... Exatamente naquele momento me senti completamente nua, me despi de meu Wan naquela noite. Pela primeira vez, senti que ele não estava. Ele não queria estar. Meus pensamentos vagavam em mim, meu corpo sentia o calor dos cobertores a me envolver, somos todos condenados a sentir saudades algum dia, minha mãe não estava ao meu lado e ele negou-se a estar comigo, justamente no momento em que eu precisava de seus braços. Pensamentos, dúvidas e anseios caíram sobre mim naquela noite, o sono me invadiu sem permissão, as luzes se apagaram dentro de mim.

## IV

Na manhã seguinte, abri meus olhos e senti meu rosto molhado, o rio molhou meu travesseiro, meus olhos estavam avermelhados e inchados quando os observei no espelho, minha noite havia sido chuvosa em meu ser. Fui ter com meu pai naquela manhã. Bá já havia contado a meu pai que minha terra estava morta. Quando cheguei na copa para meu café, papai se levantou, veio até mim apressadamente, passou a mão em meu rosto e disse:

— Sinto muito, minha filha, a vida tem dessas coisas. — A voz de meu pai era como o som de suaves sinos. Nenhuma voz saiu de mim, ele me abraçou, me perdi em seu abraço, ali eu estava segura.

— Tenho certeza que Wan virá e estará ao seu lado, ele te ama, não se preocupe, minha filha

— Disse meu pai com uma certeza inabalável, suas palavras me deram forças para confiar no amor dele por mim.

— Eu te amo, papai. — As palavras escaparam de meus pensamentos. — Hoje não tenho fome, talvez mais tarde. — Bá me olhava preocupada, penso que ela sabia o que estava por vir. Meu pai não viu o olhar de Wan na noite que passara, eu sim, ainda assim, em algum lugar de mim, eu sabia que meu príncipe, doce e amado, viria hoje e me envolveria em seu amor doce e suave.

As horas passaram arrastadas, minha ansiedade crescia a cada “tic-tac” do relógio, onde estaria meu Wan? Nenhuma mensagem ou ligação, tentei por várias vezes ligar naquele dia, mas ele havia desligado seu celular, a espera era como uma sombra que esconde o sol. Fui ao jardim seguindo minha espera interminável, as folhas das árvores estavam começando a cair, o outono tomou posse do tempo com louvor. Me sentei

no banco do jardim, ali meu coração sentiu paz, as folhas das árvores no chão estavam como minha fertilidade, morta! Ouvi um barulho familiar, era o carro de meu príncipe, meu coração acelerou, mas meu corpo permaneceu no mesmo lugar. Duro. Ouvi quando Bá disse a ele onde eu estava, meu pai havia saído e eu estava lá, esperando os carinhos de meu Wan.

– Kate? – Disse Wan vindo em minha direção.

– Estou aqui, amor, venha. – Minha voz soou docemente triste. Ele sentou-se ao meu lado, tentei esboçar um sorriso em meus lábios, ele não tocou em mim, faltava-me seu beijo doce.

– Não posso mais... – Ele começou a dizer com a cabeça baixa. – Conversei ontem com meus pais, passei a noite em claro pensando. – Disse respirando profundamente.

– Você pensou em mim? – Perguntei repentinamente.

– Sim, pensei que não podemos mais... Não podemos mais. – Ele estava com dificuldades para falar, meu coração congelou.

– Wan, não... – Meu ser implorava para não ouvir.

– Vamos cancelar o casamento, não podemos mais nos casar, não posso mais me casar com você, meus pais não querem que eu me case com uma mulher infértil, eu também não quero isso para mim, agora tudo mudou... – Wan disse cruelmente.

– Mas você me ama... – Persisti em nosso amor.

– Como posso amar uma mulher que não pode me dar filhos? Eu pensei que te amava, mas não posso suportar isso, minha família não vai suportar também. – Ele disse friamente.

– Mas ele... – Eu estava em agonia. – Todos os nossos planos não podem ser realizados, eu queria ter uma família com você, isso já não é mais possível, me desculpe, não posso. Já cancelei o buffet... – Ele parou de falar, apenas balançava a cabeça como se todo o tempo que nós passamos juntos e o amor que sentíamos não fosse mais nada. Tudo parou!

Quando olhei para Wan, ele estava rodando nossa aliança de noivado em seu dedo, fez isso por alguns segundos, suspirou

e tirou a aliança do dedo, meu coração estava cada vez mais triste e desesperado com cada movimento dele.

– Você precisa cancelar as coisas todas... – Disse ele com pesar. – Me desculpe sinceramente, Kate, mas isso é demais pra mim...

– Eu te amo... – Eu disse baixinho.

– Eu te amei. – Disse Wan levantando-se e colocando a aliança que tirou do dedo sobre o banco.

– Eu te amo, sempre amei, sempre vou amar, pense melhor...

– Não há o que pensar. – Disse ele com a voz sussurrando.

– Devo ir, seja feliz, eu te amei.

– Wan, não vai, vamos conversar ...Vamos... Wan ... – Wan me olhou nos olhos por um segundo, virou-se e se foi. Fiquei em meu vazio olhando a aliança que ele deixou ao meu lado no banco, não restara mais nada, apenas eu e meu coração partido. Meus olhos choraram sem minha permissão, as águas fluíam de mim como uma nascente, tanto amor afogado.

– Permaneci no mesmo lugar até me dar conta de que tudo aquilo era real, eu perdi meu tudo, minha vida, meu futuro. Perdi meu Wan.

*Ao leste de meu oeste  
O sol emagrece  
Ao sul de meu norte  
O horizonte desaparece  
Ao meu centro, a vida acontece  
Assim, o mundo em si esmorece.*

Que tristeza! Tornei-me vergonha na escultura da existência, meu ser de resistência não vale nada nos olhos de outros, me transformando em lixo de amar, ele me usou, eu me perdi na felicidade errando nos quatro cantos do prazer da vida, lembro as mãos sensíveis dele, era o sol de minha noite transpirando o suor dele sobre meu corpo em descanso. Eu

passo minhas noites loucas lendo suas últimas mensagens que me servem de panaceia para anestesiar o grito de minha loucura fisionômica. Meus dias foram mortes, inundados pelos choros de nuvens atiçando a esperança de meu desejo.

Eu nada mais desejava, a alegria de mim fugiu, o brilho de meus olhos se apagou, o que faria eu? Sem casamento, sem noivo, sem fertilidade, sem nada. Meu pai tentou de todas as maneiras me animar, mas parte de sua alegria foi embora ao me perceber tão murcha. Minhas pétalas estavam caindo, Bá acariciava meus cabelos todas as noites antes de eu dormir, suas mãos eram um consolo, a cada dia que passava meu rio minguava, já não haviam mais tantas lágrimas para soltar.

Estava quase no dia do hospital, seria uma nova invasão para o meu próprio bem. Dra. Lilian havia me ligado para confirmar o procedimento, eu já não me importava mais com o que fariam de mim, confirmei. Meu pai ligou para mamãe e lhe pôs a par de tudo o que ocorrera, ela viria logo, eu sabia, seus procedimentos foram um sucesso na França e agora restavam poucos dias para retornar. Eu desejava incessantemente o colo de minha mãe, ela poderia me dar um conselho, uma direção. Wan não mais apareceu, nossos parentes ligavam sempre para saber o que houve, por que o casamento foi cancelado?, eles perguntavam. Eu já não mais atendia o telefone, não suportava repetir a minha desgraça, meus ouvidos estavam cansados de ouvir minha voz dizer que tudo acabou, que o sonho me escapou, que eu morri.

As pessoas da igreja abordavam meu pai para saber o que havia acontecido, ele sempre foi discreto, apenas dizia que não deu certo e mudava de assunto. As pessoas não precisavam saber de minha infertilidade, isso era particular, meu e da minha família, afinal, ninguém poderia resolver este problema, apenas Deus. Mas onde estava Deus naquele momento? Desde criança fui criada na fé protestante, aprendi que Deus é bom, mas, se Deus é bom, por que estou assim agora? Onde estava a benevolência do Deus que aprendi a acreditar? Meu pai me

disse que tudo isso aconteceu porque é a vontade de Deus. Deus quer que eu sofra? Quando Wan me deixou, pensei em muitas coisas, menos em Deus.

Eu já não me alimentava bem, não dormia bem, meu corpo não sentia vontade de reagir. Não havia esperança para mim, eu estava condenada. Os dias se arrastaram até o dia da nova invasão, ao chegar no hospital, Dra. Lilian me olhou com estranheza, a vida em mim se foi, meus olhos perderam o brilho. A doutora mediu meu peso na balança, cinco quilos se foram.

Eu estava em agonia, se eu não poderia mais ter filhos e minhas esperanças de formar minha família eram nulas agora, para que estar no mundo? Eu sempre seria assim, seca. Meu jardim nunca mais floresceria. Minha mente não parava, eu estava molhada por meu suor, meu coração batia rápido, luzes brancas, pessoas ao meu redor, Wan apareceu em minha mente, seu rosto era tão nítido, ele tinha uma expressão de horror, eu era uma aberração, eu era um monstro, eu não era uma mulher mais, eu não poderia gerar vida, tudo em mim morreu.

– Kate? Kate? – Dizia Dra. Lilian, eu não estava mais ali. Eu vi apenas muitas pessoas ao meu redor, todos usavam branco, eu queria machucar a mim mesma, eu sentia, não posso mais viver com tantas dores em meu coração, eu não quero, eu não quero...

– Não! – Eu gritei! Eu abduzi a mim mesma, tudo apagou. Eu não consigo entender ainda o que houve comigo naquele momento, todos os sentimentos misturados, meu coração, um órgão tão forte, ficou pequeno demais naquele instante. Quando abri meus olhos, vi muitos enfermeiros e Dra. Lilian entre eles.

– Kate, você desmaiou, você se lembra onde está e o que veio fazer aqui? – Perguntou Dra. Lilian preocupada e aflita.

Respondi que sim com a cabeça e chorei. O rio encheu-se novamente.

– Não será possível fazer o procedimento hoje, Kate, marcaremos outro dia, veremos se você melhora, vou ligar a seu

pai para vir te buscar, vou também te dar um encaminhamento para passar com o psicólogo, o nome dele é Amadou. Eu agendei uma consulta para você amanhã às onze da manhã, tudo bem? – Disse para mim.

Novamente respondi que sim com a cabeça. Eu não tinha palavras para falar, apenas minha cabeça doía muito, queria minha cama, apenas queria meu espaço mortificado para estar dentro de mim mesma. Meu pai chegou preocupado, seus olhos eram fixos em minha face, suas mãos tocaram meu rosto e disse:

– Vamos, meu anjo, vamos cuidar de você, venha... Isso, devagar.

Levantei-me devagar, injetaram em mim algum medicamento forte, eu estava bambeando, bambeando como um bêbado. Apenas ouvi a voz da Dra. Lilian dizendo a meu pai:

– Seu Túlio, eu marquei uma visita ao psicólogo para sua filha amanhã às onze horas da manhã, o nome dele é Amadou, não a deixe faltar.

Meu pai apressadamente concordou. Seu olhar de preocupação era nítido, mesmo com minha percepção alterada, percebi. Eu me preocupava com a preocupação dele, até quando eu seria um peso? Eu nunca fui corajosa o suficiente para tirar minha própria vida, mas as coisas estavam mudando, uma ideia pairou em minha mente, fixou-se em meus pensamentos. Uma parte de mim não suportava pensar em tal ideia, outra parte agonizava implorando que fosse executada. Quando entrei no quarto, tudo se apagou, eu não estava em mim, me transportei para o relaxamento profundo, tão fundo, eu cheguei a sentir minha inexistência.

## V

O dia amanheceu vazio, como todos os outros desde que Wan me deixara. Não sei como estava em minha cama, a luz fazia meus olhos arderem, era o sol, tímido como a tristeza, em um céu repleto de nuvens cinzas. A porta do meu quarto estava aberta, nenhuma dor eu sentia, apenas o vazio do corredor, ninguém a me velar.

— Bom dia, querida, como se sente? — Disse Bá, aparecendo repentinamente em meu quarto. — Seu pai já saiu, vim ver como você está, meu bem.

— Que horas são, Bá? — Foi a única coisa que saiu de minha boca.

— São nove horas, seu pai me disse para acordar você antes das dez horas, ele me disse que você tem um compromisso onze horas. — Disse ela.

— Compromisso? Qual? Eu... — Eu não me recordava.

— Com o psicólogo. — Disse Bá, refrescando minha memória. — Seu pai disse que se você precisar da companhia dele para ir, é só ligar que ele vem.

— Ah, não precisa, Bá, eu estou bem, vou sozinha, não quero atrapalhar ele. — Minha voz era como a solidão, fria e vazia. — Apenas preciso comer algo.

— Minutos depois, Bá volta ao meu quarto com uma bandeja linda de café da manhã, Bá sempre era gentil e cordial comigo, tinha por mim um carinho muito especial. Café, leite, pão, morangos e uvas, a bandeja estava linda, mas meu apetite não. Tomei o café e tentei comer o pão, o pão não descia, minha fome estava inexistindo cada dia mais.

Levantei, tirei as roupas, olhei-me no espelho, eu estava seca por dentro e por fora, a vida escureceu em mim. Liguei a ducha, deixei a água quente escorrer sobre meu

corpo frágil, minha vontade era derreter e escorrer pelo ralo. Instantaneamente pensei que poderia escorregar no banheiro, bater a cabeça e nunca mais voltar, mas eu não conseguia provocar tal coisa. O único lugar no qual eu poderia morrer sossegada e sem dor era na Suíça, lá a eutanásia é liberada. Eu quis esquecer rapidamente este pensamento, mas ele persistia em mim, eu o ignorei, fechei a ducha e decidi me trocar para sair. Não sei se eu precisava de psicólogo, eu ainda não estava louca, mas também não estava sã.

Peguei o endereço da clínica e saí. Neste dia, não olhei para o jardim, eu era como uma folha seca, esperando para ser recolhida e descartada. No caminho, olhei apenas para a sinalização de trânsito, nada mais me importava. A hora chegou, eu me precipitei na sala de espera da clínica, fui até a secretaria e disse meu nome, uma moça simpática e simples. Sentei-me em uma cadeira de frente para sua mesa, ela sentou-se atrás do computador, na mesa havia um formulário, pediu que eu preenchesse o formulário e disse que depois eu deveria aguardar até que me chamassem. O ambiente era de fato acolhedor, quadros decoravam a sala de espera, cores suaves, a clínica tinha cheiro de segredo. O psicólogo saiu da sala e disse:

– Kate Guttemberg?

Eu olhei, subitamente, quem era o dono daquela voz tão macia que me chamava?

– Vamos lá? – Ele me perguntou. Levantei-me observando-o, um homem grande e negro, eu tive a impressão que já o havia visto em algum lugar, mas não me lembrava onde, ele me parecia familiar. Estendi minha mão para cumprimentá-lo, ele repetiu meu gesto. Quando sua mão tocou na minha, olhei para ele com os olhos arregalados, eram mãos fortes e grandes, como eu nunca havia visto antes. Ele sorriu para mim, seus dentes eram como um farol iluminando a escuridão. Eu não disse uma palavra, apenas entrei na sala observando tudo ao meu redor.

– Sente-se. – Disse ele indicando com a mão uma poltrona macia.

Sentei-me um pouco desajeitada, de fato eu não sabia o que dizer, olhei para os olhos dele, olhos grandes e castanhos, envergonhei-me e desviei o olhar.

– Bom, meu nome é Amadou, o que te trouxe aqui, Kate?

– Disse ele.

Eu hesitei, estava pensando no que dizer, enquanto isso, ele permaneceu em silêncio.

– Não posso mais ter filhos, meu noivo me deixou... – As palavras saltaram de minha boca, eu não queria ter começado desse jeito, mas agora não tinha conserto, eu não tinha mais conserto. Ele me olhava em silêncio, eu entendi que ele gostaria que eu falasse mais, mas dizer o quê?

Silêncio...

– Como você está enfrentando isso? – Disse ele quebrando o silêncio interminável. Eu não pensei, minhas palavras queriam sair, minhas palavras que estiveram presas dentro de uma espécie de jaula interna, ninguém havia me perguntado como eu estava passando por aquele momento. – Eu sinto que o céu caiu na minha casa, não sei o que dizer, tudo está zerado para mim, minha vida está sendo crucificada por esta maldição, eu sou inocente, tenho apenas vinte e cinco anos, minhas amigas me desvalorizam, na igreja me tornei uma vergonha. Todo mundo fala de mim, eu sou o assunto no cotidiano, mesmo quem não me conhece sintetiza sobre a minha vida, eu perdi minha vaidade... – As minhas palavras rasgavam meu coração ao saírem de minha boca, meu rio transbordava por meus olhos, havia uma inundação, eu soluçava, a dor era tão grande, misturada ao alívio de proferir aquelas palavras.

– Meu noivo me deixou, ele disse que me amava, disse isso a vida toda, agora que sou seca ele não me quer mais, não posso mais dar uma família a ele, tudo ficou escuro na minha vida, eu ainda amo Wan, meu casamento tornou-se desgraça, eu sou motivo de risos, eu perdi tudo, eu perdi a mim mesma,

eu não quero encontrar motivos para viver porque não há mais nada para mim, minha mãe está longe, meu pai sente a dor de ter uma filha seca, minha árvore não dará fruto nenhum, e onde está Deus? Eu estou sozinha no meu vazio, sou oca por dentro e mingoa por fora. – Ele me deu um lenço para secar as lágrimas.

Eu falei tantas coisas, o psicólogo Amadou ouviu-me com atenção profunda, como se anotasse em sua mente cada uma de minhas palavras. Um minuto de silêncio e ele me perguntou se eu gostaria de dizer algo mais. Eu não respondi. Eu falhei de energia, eu estava desidratada.

– Kate, você deseja vir aqui duas vezes por semana? Este espaço é seu, você pode falar o que você quiser, sempre que quiser, eu estarei aqui. – Desesperadamente eu aceitei. Fiz que sim com a cabeça.

– Certo, nossas sessões serão sempre às terças e quintas, às onze horas da manhã, tudo bem pra você? – Fiz que sim com a cabeça, eu não tinha mais palavras para soltar. – Então encerramos por hoje, até terça-feira, eu estarei aqui. – Disse ele confiante. Então parti. Ao ouvir minha própria voz falando as coisas que disse a Amadou, meu ser estremecia, eu me ouvi dizer todas aquelas coisas, tive medo de mim.

## VI

O vento era forte, eu desejava que ele levasse a minha vida. Naquele dia, pesquisei na internet passagens para a Suíça, com meu cartão de crédito poderia comprar. Uma simples agulha poderia ser a chave da minha libertação deste mundo vil. Quero pensar em viver, mas não nesta vida maldita, onde sou uma desgraça ambulante. Quero libertar-me dessas correntes, assim pensava meu ser. Todas as partes de mim desejavam partir.

Ninguém poderia saber de meus planos, pensei em dizer aos meus que desejava apenas passar algum tempo distante. Não poderiam desconfiar que seria distante da vida. Afinal, eu já não tinha tantos planos, meu amor por Wan foi tão grande que esqueci de meus amigos, planejava viver apenas para ele. Wan tornava todas as partes de mim, minha vida era ele, agora que se foi, morri.

O vento forte trouxe minha mãe da França de volta para mim.

– Olá! Não tem ninguém nessa casa? Kate? Querido? Bá? – Disse minha mãe, sua voz ecoou por toda a casa, preenchendo todos os espaços.

– Oh, Dona Carmem! Que surpresa! A Senhora não avisou nada! Kate! Kate! Tua mãe voltou, desce aqui, menina! – Gritou Bá.

Desci as escadas como louca, eu não suportava mais tanta saudade.

– Mamãe? Você voltou! – Meu coração sorriu, mas meus lábios não, abracei minha mãe forte, como se estivesse voltando dos mortos.

– Sim, meu amor, eu estou aqui agora. – Disse minha mãe esplendorosamente. – Como você está? Seu pai me contou

tudo! Sinto muito por não estar aqui quando tudo aconteceu.

– Querida! Você voltou! – Meu pai disse aparecendo de repente.

Os dois se abraçaram por longo tempo, eu percebi que não havia espaço para mim ali naquele momento, subi ao quarto. Eu deitei em minha cama como estava, depois de algum tempo, minha mãe veio me procurar.

– Filha, posso entrar? – Perguntou ela entrando em meu quarto.

– Claro, mãe. – Respondei imediatamente. Então conversamos por longo tempo sobre tudo, apenas uma fala ainda persiste em minha mente.

– Filha, a vida é assim, se pode perder e se pode ganhar, mas estamos juntos, eu e seu pai amamos você. – Disse ela carinhosamente. – Deus dá e tira quando quer, se Deus tirou isso de você é porque é para o seu bem. Você vai continuar a terapia com o psicólogo e logo não vai mais se lembrar disso.

– Mesmo sem entender, concordei, afinal, aprendi isto desde cedo.

Eu percebi a preocupação de minha mãe comigo, mas eu nada poderia fazer.

– Tem homens que não precisam de filhos para amar, existem casais felizes sem filhos, ou você pode adotar uma criança branquinha como você. Nós temos dinheiro, tudo ficará fácil para você, dinheiro é a chave da boca. Qual homem não gostaria de ter essa herança? Temos nossa fazenda e muitas propriedades, deixa Wan seguir seu caminho, a vida é longa e o tempo é curto, logo vai aparecer sua felicidade, a Bíblia fala: “Vinde a mim todos os que estão cansados e sobre carregados, eu vos aliviarei”. Deus sabe de todas as coisas, medita e acredita, minha filha, e vamos comigo na igreja este final de semana. – Disse ela com convicção.

Eu sentia saudades dele, meu coração parecia que estava sufocando, eu fechava os meus olhos e o via perto de mim, sentia em pensamentos suas mãos me tocando, os

dedos gelados no meu pescoço. Eu chorei, mas não foi um choro triste, foram lágrimas de saudade. A separação, por menor que seja, é sempre cruel, ninguém deseja a partida dos momentos que foram vividos com verdade. A chuva que cai não é suficiente para lavar os pensamentos e o coração é a vida, encontros breves da vida, minha paz começou e acabou ali, algo infinito, mas com prazo ao mesmo tempo, a alegria de chegar e o desolado de partir, assim como o sol faz todos os dias. Paire sobre uma parte, em doze horas despede-se calma e lentamente, após algum tempo, volta e ilumina o mesmo lugar, mais quente, menos quente, mas sempre constante. Meu sol não mais voltou, meus dias tornaram-se noite, eu fui deixada. Ele deixou claro que não voltaria, meu mundo desabou, não há mais nada além de escombros. Preciso de alguém para desenterrar meus sonhos ou eu enterrarei a mim mesma.

A vida fugiu de mim, eu tinha consciência de meus pensamentos insanos, meus pais perceberam meu abatimento, minha alma era translúcida em meu corpo, não tinha mais cor, não tinha mais cheiro, não havia mais nada.

Meus pensamentos corriam para lá e para cá, minha mente ansiosa pensava coisas maldosas, como eu poderia me afastar de todo aquele sofrimento? Dra. Lilian me ligou para marcarmos novamente o procedimento, mas eu não concordei em realizar, eu parecia bem, os remédios que ela me receitou fizeram efeito, chega de invasões e eu não gostaria de surtar novamente, como uma louca dentro do meu próprio hospício.

Dentro de minha mente uma ideia rodava, era como pensar mesmo sem querer, repetia-se muito dentro de mim, a ideia era excelente, afinal, acabaria com todo o sofrimento, já que não havia mais nada para mim, não foi apenas meu ventre que secou, meu coração também, eu percebia que por dentro eu estava dura, já não me amava mais, já não sentia fome o suficiente para comer o pouco que consumia de alimentos, os ossos de minha costela estavam a saudar meus olhos, minha pele fina rasgava-se com o mínimo esforço, abandonei meus cremes e perfumes, abandonei a maquiagem, abandonei-me.

Era dia de um novo encontro com o atencioso Amadou, o psicólogo que registrava minhas palavras pesadas em sua mente, minha mãe me apoiava muito na terapia, eu gostaria de ter um pouco de seu entusiasmo e otimismo, eu até estava disposta, mas as forças estavam me faltando, meu pai contratou um motorista para me guiar, ele pensava que eu não tinha mais condições de dirigir depois do que houve no hospital. Eu não me importei, afinal, eu não desejava mais nada em minha vida, uma babá não me faria mal, apenas me serviria.

Filipe era seu nome, meu guia, será que ele poderia me levar na estrada do fim da vida? Quase perguntei isso a ele, mas pensei, não gostaria de assustar o pobre. Disse um bom dia frio, um bom dia sem diálogos. Para quê? De nada me servira falar com ele, além de que minha voz há dias estava minguando.

Entrei na convidativa sala de espera, a secretaria disse que Amadou já estava me aguardando e eu poderia entrar. Apenas andei e entrei. Olhando para mim, ele disse com a voz macia:

– Kate? Que bom que veio, sente-se, como está?

– Estou indo. – Eu disse com desânimo.

– Certo, me diga o que você quiser, este espaço é seu.

– Amo demais Wan. – Depois de uma longa pausa respirei e falei. – Amo ele mais que a mim, mais que a minha vida, mais que o ar que respiro, mais que tudo no mundo e eu consegui fazê-lo se afastar de mim com toda a minha secura e podridão. Pensei em palavras pesadas, eu gostaria que Amadou me dissesse que Wan foi um monstro comigo, que ele arruinou tudo em minha vida, mas ele apenas olhou para mim e disse:

– Você se culpa por não poder mais ter filhos? Você fez algo para ficar estéril?

– Não! Eu não! – Respondi espantada, eu jamais faria aquilo que ele disse.

– Então porque faz isso com você mesma? Me diga, Wan te deixou por quê? Por que você não pode ter filhos ou porque não te amava mais?

– Ele me deixou porque... – Pensei na minha resposta. – Porque sou inútil a ele agora.

– Então ele apenas estava te usando? Você sente isso?

– Ele...ele... – Fiquei confusa – Ele não, ele me amava, ele...

– Exatamente, Kate, ele te amava, ele não te ama mais, se amasse estaria ao seu lado neste momento difícil. – Parei. Wan não me amava mais, será que algum dia ele me amou? Meus pensamentos voavam na velocidade da luz, confusão mental, palavras misturadas.

– Eu odeio ele não me amar! – Minha voz soou sem permissão.

– Exatamente, quero que me diga o que sente. – Disse Amadou tranquilamente.

– Eu odeio ele não me amar, eu odeio ele me usar, eu odeio ser seca, eu odeio tudo, até você por me fazer pensar nessas coisas, eu odeio o que você me disse, odeio ter que pensar, odeio... – Algo destravou dentro de mim, eu disse que odiava Amadou, eu ouvi minhas palavras, meu monstro apareceu.

Os rios desciam de meus olhos incansavelmente, Amadou com suas mãos grandes e gentis me ofereceu lenços, como ele poderia não ter se ofendido com minhas palavras? Como ele estava disposto a me ouvir daquela maneira? Como ele ainda assim conseguia ser gentil? Mil perguntas em minha mente.

– Me perdoe, Amadou, eu não odeio você, eu odeio o que você me faz pensar, eu não sei explicar. – Disse com a voz minguando em meio a tantas lágrimas.

– Kate, não se preocupe com isso, preocupe-se com você, com o que você sente, com as coisas que se movem dentro de você.

– Há tempos eu não pensava em mim mesma, há tempos eu não dizia o que queria, Amadou de fato me ajudou. Como eu poderia agradecer? Eu poderia abraçá-lo? Acho que não. Eu apenas disse:

– Eu quero esquecer tudo isso, não sei mais se consigo viver, eu preciso tentar encontrar uma saída, você pode me dizer como devo fazer isso?

– Como você quer fazer isso, Kate?

– Eu não sei, eu não tenho direção, não sei por onde começar, não tenho uma amiga para me dar colo, não tenho um amigo para chorar com ele, não tenho um amor para compartilhar.

– Me diga, o que você mais deseja agora?

– Quero ter paz. – Eu disse com convicção.

– Como você pode ter paz?

– Eu não sei, eu acho que preciso me ver. – Disse com dúvidas.

– É você que trilha seu caminho, Kate, você decide o que fazer e quando fazer, as pessoas não podem decidir isso por você. – Disse Amadou pacientemente. – Você é dona de si.

As palavras de Amadou penetraram em meu coração, eu deveria decidir meu próprio destino, mas como...

– Como? Como vou definir novamente minha vida? Tudo me foi tirado. – Eu disse com descontentamento.

– Apenas pense em recomeçar. – Disse Amadou. Meus olhos se encantaram com sua expressão ao me dizer isso, por um segundo, eu repeti em minha mente seu nome, Amadou, o pensamento me fugiu. Acabou o tempo da sessão.

– Kate, nosso tempo acabou por hoje, você tem meu número, pode me ligar se algo acontecer ou se precisar de alguma orientação. Descanse, hoje você gastou muitas energias, até breve. – Disse Amadou com a voz compreensiva. Eu estendi a mão para o cumprimentar, na realidade, eu gostaria de o abraçar, mas isso seria pouco apropriado, ele apertou minha mão levemente, sua mão era como algodão, lembrei-me de café com leite, eu branca como as nuvens e ele negro como a noite, o pensamento não permaneceu em minha mente, foi apenas um pensamento.

Meu motorista levou-me de volta, o olhar de Filipe para mim era de estranheza, ele não entenderia meu sofrimento mesmo que eu explicasse.

Era quinta-feira, eu apenas veria Amadou na terça-feira,

que seria a próxima sessão. Eu estava leve, mas um pensamento permanecia em minha mente, eu desejava aniquilar todo o sofrimento de uma vez por todas, com um único movimento, eu desejava escrever um ponto final para minha triste vida na terra. O pensamento rodava... Rodava... Rodava.

## VII

Uma ideia estava emergente em minha mente todas as manhãs, acabar com meu sofrimento. Depois de meu encontro com Amadou, tive a sensação que tudo desapareceu, então só restava eu e como eu desejava exterminar minha situação de sofrimento. Meus pais, Bá e Filipe eram como vultos, naquele fim de semana, estava somente eu em mim.

Minha cabeça estava fixada em uma ideia apenas, a Suíça. Levantei-me, peguei e liguei meu tablet, entrei em um site de vendas de passagens aéreas e pacotes de viagens, inseri meu destino, saindo do aeroporto de Congonhas, apenas ida, afinal, não seria possível voltar. Observei as datas... Meus olhos estavam atentos na tela. Meus pensamentos pulavam dentro de mim, eles me pediam para resolver isso rapidamente, resolvi.

Comprei uma passagem para a próxima terça-feira ao meio dia, era a mais próxima que tinha. Inseri os dados de meu cartão de crédito, recebi o e-mail de confirmação e estava feito, eu apenas deveria embarcar no local e hora exata. Respirei com medo e alívio. Abri outra página, uma página internacional, onde me informei sobre a eutanásia, eu deixaria uma carta a meus pais, aos amigos não, pois já não os tinha mais. Deixaria algumas joias para Bá, afinal, ela sempre esteve comigo. Instantaneamente comecei a separar meus bens, fruto do trabalho de meu pai. Gargantilhas de ouro, brincos de prata e alguns anéis, coloquei em uma caixinha e por fora escrevi: "Para Bá com amor."

A carta aos meus pais eu não consegui escrever, deixei para depois. Não precisaria de malas, porque eu não pretendia ficar em lugar algum, pretendia realmente partir em todos os sentidos. Era hora do almoço, desci como se tudo estivesse normal, sentei-me ao lado de meus pais, me servi de algumas

poucas iguarias de Bá, alguns minutos depois eu disse:

– Eu vou para a Suíça, quero passar um tempo fora, quero fazer um curso lá para aprimorar meu inglês. Meus pais me olhavam atentamente, eu continuei. – Eu preciso de um tempo para mim, já comprei as passagens, vou na terça-feira ao meio dia. – Os olhos de minha mãe eram cheios de espanto, eu nunca viajei sozinha, seria a primeira vez.

– Se é este o teu desejo, minha filha, vá. – Disse minha mãe engolindo a preocupação.

– Filha, você precisa mesmo de um tempo para você, você tem passado por momentos complicados, uma viagem vai te ajudar. – Disse meu pai com inocência.

– Sim, meu pai, vai me ajudar e muito, me ajudar para sempre. – As palavras saltaram de meus lábios.

Vi Bá olhando sorrateiramente, seu olhar me indicava que já sabia de minhas intenções, mas Bá era leiga, ela não tinha noção que seria possível pagar para morrer na Suíça.

Ao levantar da mesa e seguir o caminho para meu quarto novamente, Bá me abordou e disse:

– Cuidado, menina, pense bem no que vai fazer. As palavras dela me assustaram, como ela poderia saber? Nem meus pais desconfiaram, como poderia ela saber de algo que não foi dito? Relaxei e respondi:

– Claro, Bá, sei o que estou fazendo. – Respondi com confiança.

– Espero que sim. – Disse Bá com o olhar de um detetive. Subi ao meu quarto, separei meu passaporte e meus documentos essenciais, eu só precisaria daquilo.

Ainda era domingo, o tempo não passava, minha mãe tentou descobrir algo, mas não teve sucesso em me abordar. Meu pai estava agindo como se eu fosse tirar férias nas Bahamas. Terça-feira eu desejava partir logo.

Eu não poderia avisar Amadou o motivo de minha falta na próxima sessão. Pois se eu o fizesse, eu teria de contar meus planos também, mas eles eram secretos demais para sair por

aí. Na noite do domingo, conferi tudo o que eu precisava e fui dormir. Não gostaria de partir como indigente, precisava levar todos os meus documentos.

Aquele domingo hesitou em acabar, longo e frio... Dormi o dia todo, não sentia vontade de fazer outra coisa, logo seria segunda-feira e depois terça-feira e depois nada mais. A segunda-feira bateu à porta do meu quarto, soprou em meus ouvidos a canção da morte, a canção do alívio, a canção do descanso. Morrer não parecia tão ruim, eu esqueceria de tudo e todos se esqueceriam de mim, nada mais restaria. Será que minha alma vagaria buscando atormentar Wan? Eu não sei, mas acredito que não, embora a ideia me parecesse interessante. Eu não comi, me alimentei de meus pensamentos naquele dia, trancada em meu quarto, ninguém me incomodou. Todos na minha casa sabiam que eu não estava bem, que eu precisava de tempo, que bom! Desta forma eu não precisaria explicar muitas coisas. A segunda-feira dormiu sobre mim, o meu corpo estava com sede, eu pedi um último momento de prazer, eu me toquei, meus dedos me faziam feliz, desde quando estava com Wan meus dedos me faziam companhia, apenas depois de deixá-los úmidos e quentes os tirei de mim, meus olhos giraram em 360°, eu era meu prazer. Entrei no banheiro e me lavei, a água quente derreteu meu medo, eu estava pronta.

Levantei, o dia estava morto, meus documentos separados e minha coragem tomando conta de mim. Com vontade abri a porta de meu quarto, meu vestido era de um tecido leve e suave, meu cabelo estava maravilhosamente penteado, eu estava pronta para seguir meu destino.

– Mãe, pai, estou pronta para ir! – Eu disse em voz alta.

– Mas, filha, onde estão as suas malas? – Disse minha mãe com desconfiança.

– Eu vou comprar tudo novo lá, mãe. – Eu disse com firmeza. Abracei meus pais. – Obrigada por serem meus pais, vocês me fizeram muito feliz e me deram tudo o que desejei, eu amo vocês. – Uma lágrima caiu do meu rosto ao proferir tais palavras.

Meus pais também deixaram escapar as lágrimas, disseram para eu voltar logo, mal sabiam que demoraria uma eternidade. Filipe já estava pronto, eram nove horas da manhã, o aeroporto ficava a duas horas de minha casa. Entrei no carro, meu coração era leve, meu corpo era perfumado, minha alma começou a descansar desde aquele momento. No caminho, algo surgiu em minha mente, Amadou, eu não havia desmarcado nosso encontro hoje às onze horas, não importava tanto, afinal, ele perderia uma paciente. Eram onze horas, disse um cordial adeus a Filipe, ele pareceu não se importar tanto, desci do carro e entrei no aeroporto, fui direto para o guichê para trocar meu voucher pela passagem.

Isso feito, me restava apenas esperar próximo ao embarque. Havia muitas pessoas lá. Comecei a observar, será que eram felizes? Estavam viajando a passeio ou a trabalho? Observei uma idosa ao encontrar seu esposo, ela o abraçou e o beijou como se fossem jovens, um sorriso esboçou em meu rosto, mas logo morreu. Onze e meia e eu ainda parada ali, eu desejava que o voo não atrasasse. Senti uma coisa se mexer em minha bolsa de mão, era meu celular, abri a bolsa e peguei, no visor havia o nome de Amadou, eu havia salvado seu número. Não atendi. Não precisava dar satisfações a ninguém. Alguns minutos depois, meu celular me incomodou novamente, instantaneamente desconsiderei a chamada. Algo incomodava meu ser.

Amadou me ligou mais cinco vezes, eu não atendi. Quando pela sexta vez o celular vibrou, atendi irritada.

– Alô! Diga. – Eu disse hostilmente.

– Olá, Kate, você ainda não chegou, aconteceu algo? – Perguntou Amadou suavemente.

– Aconteceu, estou partindo para a Suíça, meu voo sai ao meio dia. – Eu disse rispidamente.

– Suíça? Você se sente bem? – Perguntou com curiosidade.

– Eu estou ótima. – Rebatii agressivamente.

– O que vai fazer na Suíça? – Perguntou Amadou pacientemente.

– Não te interessa, eu não tenho que dar satisfações a você, você não é nada meu! – Respondi agressivamente mais uma vez.

– Em qual aeroporto você está? – Estou no aeroporto de Congonhas, mas isso não te interessa. – Eu estava profundamente irritada.

– Ok, Kate, espero que o voo atrasse. – Disse Amadou.

Antes de eu responder, ele desligou o celular. Como ele pode ser tão inconveniente? Eu fiquei irritada, logo em meu quase último dia de vida. Olhei no painel, meu voo estava atrasado, teria um atraso previsto de meia hora. Depois de alguns minutos, o painel notificou um atraso de mais duas horas e meia. Era demais querer morrer na hora certa? Meu ser se agitava dentro de mim. Passada uma hora e meia decidi tomar um café na lanchonete para me acalmar, sentei-me, pedi meu café e esperei. Meu café chegou e eu logo comecei a saborear, era minha bebida preferida, preto e forte. Senti uma mão grande tocar meu ombro.

– Que bom que o voo atrasou. – Disse a voz macia atrás de mim. Seria uma alucinação? Eu pensei ter enlouquecido. Rapidamente me virei para ver, meu café havia se tornado algo concreto, ergui minha cabeça e vi o rosto de Amadou. O que ele fazia ali? Estaria esperando um voo como eu?

– Amadou, o que faz aqui? – Perguntei curiosa.

– Posso me sentar com você? – Perguntou gentilmente.

– Claro. – Respondi automaticamente.

– Você não pode se desligar, eu sei o que você vai fazer lá, – Disse ele olhando dentro dos meus olhos, não respondi, ele continuou.

– Vamos conversar primeiro. Eu não te disse nada, como você vem aqui e me diz essas coisas? – Respondi nervosa.

– Acalme-se. – Disse ele pegando em minhas mãos que estavam sobre a mesa. O choque foi instantâneo, suas mãos

eram macias, eu amoleci. – Você acha que é uma boa solução? – Ele disse olhando fixamente para mim. Eu não sabia o que responder. Olhei para Amadou e desabei, chorei. Por que ele me fazia pensar? Por que ele lançava aquele efeito sobre mim? Não havia lenços para que ele pudesse me oferecer para secar minhas lágrimas, gentilmente tocou meu rosto pegando em suas mãos minhas lágrimas.

– Kate, você deve se amar antes de amar alguém, Wan vale todo este sacrifício? Wan merece que você morra por ele?

– Não... – Respondi com a voz embargada.

– Então o que está fazendo? Você é uma mulher bonita, não faça isso com você mesma por ele, eu quebrei as regras hoje vindo até aqui porque eu sei que o que você quer fazer é desperdício de vida, Kate, pense em você. – Disse Amadou, suas palavras eram sinceras, eu percebi.

– Eu... Apenas quero acabar com esse sofrimento, quero ter forças, mas não consigo. – Disse abaixando minha cabeça. Amadou ergueu minha cabeça em suas mãos e disse:

– Se permita outra oportunidade de viver, faça morrer hoje aqui tudo o que te faz mal, não a sua vida. As palavras de Amadou iluminaram meu ser, ele era como luz, eu cedi. Pensei nas palavras dele, mas por onde eu poderia começar? Como eu poderia matar tudo o que me fez mal?

Levantei de repente. Eu estava imóvel, estava pensando freneticamente na coisa horrível que eu estava prestes a fazer, eu estava para tirar minha vida, sendo que Wan é que deveria ser tirado da minha vida e não eu mesma. Amadou percebeu que meus pensamentos se embaralhavam dentro de mim, ele apertou forte as minhas mãos. Pronto, eu não estava mais ali, a minha carência era demasiada. Ele era forte e eu me senti segura, eu estava me refazendo na força de Amadou.

– Você não está sozinha, Kate. – Disse ele com convicção tentando me fazer compreender tudo. – Não estou? – Rebatí.

– Não! Você tem seus pais que te amam, tem outras pessoas que te amam, tem a mim para te ajudar. – Ele disse com a voz baixa.

– Sim. – Respondi com um sopro de voz.

– Então me deixe te levar para casa, vamos, meu carro está no estacionamento. Não se preocupe, eu pago o café. – Gentilmente Amadou proferiu essas palavras.

Eu apenas concordei com ele, algo estava mudando dentro de mim, eu não sabia o que era exatamente, mas as cores começaram a aparecer em meu mundo cinza. Andamos até o estacionamento sem dizer uma palavra, eu observava seus passos, longos e rápidos, esforcei-me para andar em seu ritmo. Observei seus ombros largos e a camisa branca sobre a pele negra. Amadou apertou o alarme de seu carro, gentilmente abriu a porta para mim.

– Entre, você se sente bem? – Perguntou ele preocupado.

– Acho que sim. – Respondi enquanto observava sua expressão.

– Então vamos, apenas me indique os caminhos. – Disse ele ligando o carro. Eu observava tudo, como ele prestava atenção no trânsito, o modo como mexia no câmbio do carro, na maneira como suas pernas se moviam quando pressionava o pé no pedal de aceleração, meus olhos se viciaram em observar Amadou. De repente, ele olhou para mim, desviei o olhar imediatamente.

– Você é linda, Kate, ainda tem muita vida dentro de você. – Disse ele me surpreendendo.

– Obrigada! – Respondi com as bochechas rosadas.

– Eu apenas disse a verdade. – Disse ele olhando para mim e mostrando um sorriso fascinante. – Para a esquerda. – Disse eu, encabulada. Enfim, chegamos, Amadou me deixou no portão de minha casa e ressaltou que teríamos um encontro quinta-feira, de fato, teríamos mesmo.

## VIII

Agora, de volta ao lar, eu deveria dar uma satisfação aos meus pais, minha vontade era não ter de explicar, mas então eu não seria honesta. Passei pelo portão, Filipe me olhou surpreso, mas não saiu do lugar, eu prossegui caminhando para a porta da sala, a sala estava vazia, minha respiração fazia eco no espaço aberto.

– Kate, querida! Você voltou? Aconteceu algo? Está tudo bem? – Disse Bá agitada.

– Está tudo bem Bá, onde estão meus pais? – Perguntei seriamente.

– Estão lá fora perto da piscina. – Disse ela desconfiada.

Apressei meus passos e os vi, sentados na cadeira de banho de sol, de mãos dadas conversando.

– Mãe, pai ... – Disse envergonhada.

– Minha filha! O que houve? – Disse meu pai apenas de bermuda, levantando-se rapidamente. Minha mãe me olhou e eu chorei, ela apenas se levantou, me abraçou e disse:

– Pronto, filha, está tudo bem, estamos aqui.

– Eu preciso falar. – Eu disse com pesar. – Eu estava viajando para a Suíça para passar por um procedimento de eutanásia, meu psicólogo me salvou, eu pretendia acabar com tudo. Venha, pai, venha, mãe! Venham nadar comigo! A água está maravilhosa! – Eu gritei.

Eles entraram novamente na sala que dava acesso à piscina, depois de alguns instantes desceram prontos para a diversão, meus pais já não tinham mais um corpo jovem, mas os seios de minha mãe ficaram perfeitos, a França realizou um trabalho louvável. Brincamos na água por longo tempo, depois de trocar minha roupa de piscina por um vestido solto, fui diretamente para a cozinha, comi uma maçã e pedi a Bá para

fazer minha comida favorita para o jantar, purê de batatas e lombo defumado, acompanhados de uma salada de tomates. Bá não acreditava no que estava ouvindo, há dias não entrava na cozinha, nem ao menos percebi que a geladeira foi trocada por uma maior e mais bonita.

Por um momento, me entristeci, pensei em Scarlett e Daniel, meus amigos que abandonei, pensei em ligar, mas ainda não estava pronta para isso. Comecei a pesar quantas coisas eu abandonei desde que Wan entrou em minha vida. Subi ao meu quarto, peguei a aliança que ele deixou comigo naquele dia cruel, tirei a aliança que ainda permanecia em meu dedo e desci novamente à cozinha.

– Bá, venda e compre algo bom pra você. – Eu disse estendendo minhas mãos com as alianças. – Menina, eu não posso aceitar isso. – Disse Bá envergonhada, afinal, as alianças valiam por volta de cinquenta mil reais.

– São suas. – Disse com firmeza pegando as mãos de Bá e colocando as alianças sobre elas. – Isso não faz mais sentido para mim, não as quero, quero que fiquem com você e que você as venda e faça algo que precisa.

Uma lágrima escorreu dos olhos de Bá, ela nunca tinha ganhado tanto dinheiro de uma só vez, morava em uma casa simples com o filho e apenas voltava lá uma vez por semana, era uma vida simples de muito trabalho. Bá me abraçou sem dizer uma palavra, eu dei um beijo em seu rosto e subi novamente a meu quarto.

Deitada em minha cama, senti como se um peso muito grande fosse tirado de minhas costas, eu estava abandonando Wan, eu estava dizendo adeus, eu estava voltando para mim. Faltava apenas a noite passar para eu estar na companhia de Amadou, um desejo sorrateiro crescia dentro de mim, eu me lembrava de suas expressões, até mesmo do toque de suas mãos nas minhas. O que eu estava fazendo? Pensando em meu psicólogo? Eu enlouqueci? Adverti a mim mesma que não deveria fazer tal coisa, mas era tarde.

A noite surgiu como uma criança manhosa, o jantar que Bá havia preparado estava delicioso, eu comi como se fosse a última comida da terra. Depois de jantar, pensei novamente em ligar para meus amigos, peguei o telefone, mas desisti em seguida, o tempo chegaria, mas não seria agora, eu não saberia o que dizer. Dormi, meu sono foi profundo naquela noite, eu estava alimentada de vida.

O dia amanheceu gelado, o inverno estava se aproximando cada vez mais, fui direto ao banho, me lavei delicadamente, fiz depilações, não fazia depilações há muito tempo. Depois do banho, me perfumei, me vesti e coloquei um casaco, adicionei aos lábios um batom cor de boca, parecia que eu já não sabia mais me maquiar. Desci, apressadamente desfrutei o café da manhã. Chamei Filipe, ele se espantou ao ouvir minha voz firme.

— Vamos Filipe, preciso ir ao psicólogo. — Eu disse com firmeza. Ele apenas fez que sim com a cabeça, Filipe era um ser estranho, talvez antissocial.

Eu estava vigorosa, ao entrar na sala de espera, a secretária me olhou confusa, afinal, eu parecia viva, dei um sorriso para ela e ela também sorriu para mim.

— Kate, Amadou te aguarda na sala, pode entrar, você está ótima. — Disse ela me enviando um choque de autoestima.

Entrei na sala levemente, Amadou arregalou os olhos ao me ver, me senti lisonjeada ao sentir sua energia. Sentei-me na poltrona em sua frente, ele demorou um pouco para proferir alguma palavra, depois de alguns segundos disse:

— Kate, como vai? Como está se sentindo?

— Me sinto melhor, muito melhor, eu consegui comer normalmente ontem, me sinto revivendo. — Eu disse espontaneamente.

— Isso é maravilhoso! No que você tem pensado nesses dias? — Perguntou Amadou.

— Nas tuas palavras, nas tuas palavras que me disse no aeroporto. — Eu disse olhando diretamente para ele. Senti Amadou desconfortável com meu olhar. — Eu gostaria de te pedir algo ... — Disse envergonhada.

– Diga, Kate, o que você deseja? – Ele disse gentilmente.

– Você salvou a minha vida, por sua causa estou aqui diante de você e viva, quero te dar um abraço. – As palavras pularam de minha boca. Amadou hesitou, senti que ele estava realmente desconfortável naquela situação, eu não entendia o que estava acontecendo, ele se levantou devagar e disse:

– Pois bem, venha. – Disse estendendo os braços longos para mim.

Me levantei desajustada, o abracei estranhamente, eu não sabia como deveria abraçar um psicólogo. Mas quando seus braços envolveram meu quadril senti que poderia realmente abraçá-lo.

– Obrigada, Amadou, obrigada, você me salvou. – Eu disse sussurrando em seu ouvido. Senti as mãos de Amadou tremerem em meu corpo, não pude me controlar, passei minhas mãos brancas em seus braços longos e escuros, eu me arrepiei, algo sinalizou para mim, eu o apertei, senti suas mãos em meu cabelo, ele não deveria fazer aquilo. Quando aproximei meu corpo mais no abraço sem fim, eu senti algo que há tempos não sentia, algo me tocou, era o membro de Amadou, me assustei, afinal, ele era meu psicólogo, mas ele também era homem. Afastei meu corpo e logo aproximei novamente, senti com mais intensidade a extensão de Amadou, minhas mãos automaticamente subiram a seu pescoço, eu ouvi a respiração dele, era rápida e precisa.

Minha vontade tomou conta de mim, eu segurei forte em Amadou, coloquei minhas mãos sobre as dele e as guiei aos meus seios, quando ele tocou todo o meu corpo se energizou, passei minhas mãos por baixo de sua camisa, sua pele firme me anestesiou, eu não era Kate, ele não era Amadou, éramos apenas homem e mulher na sala fechada. Amadou ergueu minha cabeça em suas mãos e disse:

– Se permita outra oportunidade de viver, faça morrer hoje aqui tudo o que te faz mal. Não quero ousar dizer que eu te amo, não te amo! O que sinto por você é mais forte que o

amor, é simples, de uma complexidade simplista e incompleta, é desejo, não posso mais controlar...

As palavras de Amadou alimentaram meu desejo, eu tirei sua camisa e beijei seus lábios carinhosamente, senti suas mãos fortes por baixo de meu vestido, ele as tirou e subiu aos meus seios tirando meu casaco, o frio não incomodava mais, Amadou era quente como o fogo, ele colocou novamente as mãos por baixo de meu vestido, subindo e o tirando completamente.

Seus lábios eram quentes e firmes, sua língua passeou sobre mim, em meu pescoço, em meus seios, em meu quadril, eu enlouqueci, minhas mãos rapidamente desabotoaram a calça de Amadou, desci o zíper e a calça, aproximei todo o meu corpo do dele, agarrei em seu pescoço e senti tocar em mim seu membro firme, eu implorei com meu corpo que ele me tomasse. Devagar ele me deitou sobre o tapete macio da sala, minha calcinha já não estava em mim, os lábios de Amadou tomaram seu lugar. Com meus pés, abaixei o fino pano que envolvia o quadril de Amadou, então o puxei para mim, o prazer estava dentro de mim, entrando e saindo freneticamente, eu queria mais, cravei meus dedos em suas costas largas e gemi em seu ouvido, foi o suficiente para que ele se movesse mais forte.

Delicadamente Amadou me colocou sobre ele, seu olhar era como uma injeção de loucura e prazer, eu cavalguei lentamente sobre ele, depois mais rápido e mais rápido até perder o sentido, Amadou puxava meu quadril com suas poderosas mãos, deliciosamente eu me movia sob seus comandos. Assim permanecemos até a exaustão completa. Suas mãos passeavam sobre o meu corpo nu, seus dedos tocavam cada parte desenhando desejo.

– Fica claro que não posso mais ter você como minha paciente depois disso. – Disse ele suspirando. – Agora tudo mudou.

– Eu sei, também não desejo mais ser tua paciente. – Eu disse maliciosamente. Rimos risos de prazer. A pele negra de

Amadou me fascinava, eu nunca havia tido um negro antes, incansável é a palavra que o define. Incansavelmente selvagem. Levantei e me vesti, beijei mais uma vez os lábios de Amadou, perguntei a ele o que seria de nós agora, ele disse que o tempo diria rapidamente.

Depois deste dia, prosseguimos nos encontrando, uma noite mais quente que a outra, nem em sonhos vivi isso com Wan, sempre saímos para jantar e terminávamos na cama do apartamento de Amadou pela manhã. Eu me esquecia cada dia mais do meu problema de fertilidade. Meus pais perceberam que eu estava sempre dormindo fora, me perguntaram se eu estava com alguém, inusitadamente respondi que sim, eu não poderia mentir, estava revivendo a cada dia mais.

– Traga o rapaz para almoçar conosco, Kate, precisamos conhecê-lo. – Disse meu pai. Concordei imediatamente. Tudo passava rápido e meu amor por Amadou aumentava. Contei entre lençóis a meu Amadou que meus pais desejavam conhecê-lo, inicialmente ele sentiu-se desconfortável, afinal, seria um negro na casa de brancos, mas eu afirmei que não havia motivos para preocupações.

– Precisamos mesmo oficializar nosso relacionamento. – Disse Amadou.

## IX

A cada dia eu conhecia mais meu novo amor, Amadou tinha trinta anos, era maduro, ele era simples, era simplesmente amável, seus pais não viviam mais, era o único filho de sua mãe, veio do Haiti ao Brasil ainda bebê, conservou a religião de seu povo e de seus pais, era vodu, eu não compreendia bem, mas respeitava, afinal, fé não é algo discutível. Um dia, nua sobre a sua cama, perguntei sobre o vodu, haviam alguns questionamentos dentro de mim, eu queria compreender, desmistificar, quebrar o tabu. Para ele, o vodu é alma do negro.

— Um pouco de história, amor. — Disse Amadou. — Na antiguidade, nós, os negros, éramos considerados como bens do mestre, não tínhamos fé, no domingo, os brancos se reuniam para rezar a seu deus, que glorifica em nome de seu nome para nos marginalizar. Levantou-se e pegou um papel, nele havia uma poesia escrita, ele me entregou para ler:

### ***Eu e o vodu***

*Erzulia, teu nome assombra o espírito  
Desde na casa de Damballah  
Onde meus antepassados jogaram água  
Para apaziguar seu sofrimento  
Nos olhos de deuses dos colonos  
Eu! Nasci cristão  
O tambor de teu hino  
Não para de colorir minha alma  
Me fazendo alegre na miséria  
Na paisagem da minha cultura negra  
Sobre os pés dos sonhos manchados  
Na dor do câncer do sol  
Estou procurando, estou me procurando*

*Na tua voz-loa  
Erzulia, mulher virtuosa de meu badji  
Mulher que cheira alma  
Te amo!  
Você deixou teus passos  
Sobre a pele do tambor  
Com o ritmo da arte de amar  
Apesar dos ossos de meus antepassados  
Já pulverizados desde a noite dos dias.*

Depois de ler, minha mente ficou repleta de informações e dúvidas, emiti um olhar de estranhamento.

– O vodu não tem nada de mal, amor. – Continuou Amadou. – Se ele tem mal é porque a vida humana é feita de mal. Quem nunca fez mal na vida? Você acha humano quando uma pessoa mata um outro em nome de um deus? O muçulmano fala que Maomé é o profeta, o cristão fala que é Jesus, então todos têm uma crença. A questão da religião causa tantos crimes desde sua existência, por que nós humanos herdaremos isso? Veja, por exemplo, a história do Haiti, o primeiro país negro independente do mundo, que disse não ao sistema escravagista europeu e graças a isso nós desfrutamos essa liberdade. Kate, tudo que é tabu tem algo de bom escondido, a religião capitalista é uma má sequela, ela nos invade e provoca mais polêmica para esquecer nosso passado.

Vi o brilho nos olhos de Amadou ao falar de seu povo, sem dúvidas ele era firme em suas afirmações e em seu credo, eu o admirava por sua intelectualidade, por sua inteligência extrema e por sua simplicidade sensível. Sua voz era como veludo em meus ouvidos e a história de seu povo fascinante.

Dia após dia eu o amava mais, seu jeito simples e suave me conquistava sol após sol. Eu não contei a meus pais que era um homem negro, apenas disse que era um homem incrível que me salvava mais e mais a cada dia e que eu o amava. Era o suficiente a ser dito. Minha cara mãe estava com a saúde frágil,

o câncer estava a atacando novamente e seu coração falhava. Marcamos o almoço para um domingo, fazia dois meses que eu e Amadou estávamos nos encontrando desde a loucura no consultório. Dormir e acordar em seus braços era a minha maior alegria.

Naquele dia, o sol decidiu aparecer, as nuvens deram uma trégua, sem dúvidas seria um dia marcante. Bá estava preparando um banquete, meus pais estavam curiosos para conhecer meu amado. Neste tempo em que estava me relacionando com Amadou retomei também as minhas amizades, fui corajosa em conversar com Scarlet e Daniel, inicialmente pareciam duros comigo, mas depois que expliquei tudo o que passei eles novamente se aproximaram de mim, eu os convidei também para conhecer Amadou, seria um almoço inesquecível e que marcaria um novo rumo em minha vida. Eu estava radiante, coloquei um vestido cor de dia ensolarado e ansiosamente aguardava meus dois amigos queridos e meu amado. A campainha soou, pela câmera vi Scarlet e Daniel, apertei o botão do portão para abrir e eles entraram, meus pais sempre foram bons anfitriões e gostavam de minha amizade com eles. Os recebemos na sala de estar, oferecemos bebida, Scarlet pediu água e Daniel, whisky. Scarlet era ruiva, branca e com muitas sardas, uma beleza rara, Daniel era sério, comprido, branco e de madeixas longas escuras, sem dúvidas sabiam conversar, meus pais riam e contavam piadas, todos estávamos esperando pelo meu doce Amadou. A campainha soou novamente, meu coração pulsou, era ele, o vi na câmera, abri o portão e fui recebê-lo.

Ao chegar, me deu um suave beijo nos lábios e sussurrou em meu ouvido perguntando se eu estava bem.

– Venha, amor, a hora chegou, eu te amo. – Eu disse conduzindo-o até a sala de estar. Quando entramos houve uma reação inesperada, meus pais não piscavam e não falavam, apenas olhavam Amadou de cima a baixo. Respirei fundo e disse:

– Pai, mãe, este é Amadou, de quem tanto falei a vocês.

Amadou estendeu a mão a meu pai, mas ele estava imóvel. Meu pai me olhou criticamente e disse:

– Um negro?

Minha vergonha começou ali, Amadou ficou atônito e não sabia o que fazer ou dizer. Minha mãe balançava a cabeça em sinal de reprovação.

– Nós não vamos aceitar isso! – Disse ela nervosa.

– Eu vou embora, Kate. – Disse Amadou em tom suave olhando para mim.

– Não! Você não vai. Pai, este é meu namorado, para mim ele não tem cor. – Eu disse nervosa.

– Um negro, era só o que me faltava, isso é uma brincadeira? Você quer envergonhar sua família? – Disse meu pai agressivamente.

– Você é que deveria se envergonhar pelo que está fazendo! Amadou tirou de mim a tristeza, ele transformou meus dias de morte em dias de vida, ele me aceitou mesmo seca.

– Eu disse como uma metralhadora. Meus amigos não sabiam o que fazer, Amadou estava cabisbaixo, minha vergonha não tinha fim.

– Se você se ajuntar com esse negrinho. – Disse minha mãe perdendo o fôlego. – Eu não serei mais tua mãe, não serei ... Eu não... Isso não... Minha mãe se alterou, Bá veio correndo com um copo d'água e um comprimido, mas era tarde, eu corri para socorrê-la, ela desmaiou em meus braços, meu pai tentava reanimá-la, meus amigos estavam chamando uma ambulância e Amadou queria me ajudar de qualquer forma, meu pai o expulsou de minha casa.

– Está vendo, seu negrinho maldito, o que você fez? Você matou minha mulher! Desgraçado! – Disse meu pai gritando com Amadou.

– Sinto muito, senhor, mas a sua mulher morreu foi de preconceito. – Disse Amadou educadamente. Meu pai ficou vermelho de ódio, quando a ambulância chegou nada mais

poderia ser feito, minha mãe se foi, eu a amava tanto, mas comprehendi que a arrogância a matou naquele exato momento. Me debrucei em cima de minha mãe e chorei, meu pai disse:

– Malditos, saiam de minha casa! Você não é mais minha filha, você se juntou com um negro e trouxe desgraça pra esta casa.

Eu senti pena de meu pai, sempre foi tão correto com as pessoas, mas o preconceito também o consumia. Amadou não saiu de meu lado mesmo ouvindo tantas ofensas, ele realmente me amava e eu estava pronta, pronta para sofrer a morte de minha mãe e iniciar uma nova vida ao lado de Amadou. Meu pai me expulsou de casa, meus olhos se encheram como um rio que transborda, minha mãe se foi, me restou meu negro, meu negro quente com tanta paciência para suportar tantas ofensas por mim.

Me despedi de minha mãe ali mesmo, eu não mais voltaria, eu não seria mais bem-vinda em seu velório e sepultamento, talvez depois de algum tempo eu levaria flores para minha amada e preconceituosa mãe. Amadou segurou forte em minhas mãos e disse:

– Vamos, eu me enganei quando disse a você no aeroporto que teus pais te amavam.

Eu segurei forte sua mão, não havia mais o que fazer ali, meus amigos estavam em choque, não sei se ficaram lá depois que parti. Fui para o apartamento de Amadou, a dor consumia meu coração, ele me deitou em seu peito e disse:

– Eu sempre estarei contigo.

– Por que tem que ser assim, amor? Por que as pessoas não aceitam o outro como são? E agora? Minha mãe se foi... O que farei? Fui expulsa de casa, só posso voltar se não estiver mais com você, eu não quero te deixar. – Eu disse me debulhando em lágrimas.

– Acalme-se, Kate, você sabe que eu te amo, você não está só, olhe para mim. – Amadou pegou meu rosto em suas mãos. – Eu sei que não posso te oferecer uma vida boa como

a que seus pais sempre te deram, eu sou negro e você vai ver muito preconceito na caminhada comigo, mas eu te amo sinceramente, tenho um bom trabalho, tenho este apartamento e meu carro, não tenho muito luxo para te dar, mas tenho amor incondicional para te oferecer, você quer se casar comigo? – Disse ele com a vez trêmula.

Meu triste coração apertado pela morte de minha mãe encontrou um motivo para sorrir! Sim, sim, sim, este era o meu maior desejo, permanecer ao lado de Amadou, eu estava chorando e sorrindo ao mesmo tempo, será que desgraças trazem algo de bom às vezes? Eu pensei em mim.

– Amadou, sim! Sim, sim, sim, mil vezes sim! O que você tem a me oferecer, dinheiro não pode pagar! – Eu disse com o olhar iluminado e molhado pelas lágrimas que desciam, eu o beijei intensamente, seus lábios eram grandes e macios, fonte de meu desejo.

– Eu apenas não posso oferecer uma grande festa... – Disse ele envergonhado. Com minhas mãos o fiz se calar e disse:

– Eu não quero nada disso! Não quero uma grande festa, não quero convidados, não quero luxo, tudo o que eu quero é ser tua mulher da maneira mais simples que há. Do que me adiantou planejar um casamento cheio de pompas, mas que não existia amor? Não quero isso. Abracei Amadou com força, eu desejava apenas estar com ele e nada mais, seu olhar de felicidade era como um arco-íris depois da chuva, radiante.

# X

Daniel me ligou, ele estava preocupado comigo, disse que minha mãe seria velada na noite do próximo dia e pela manhã haveria o enterro, deixou claro para mim que meu pai já não se agradava mais com a minha presença, então ele iria para depois me dizer em qual local enterraram ela. Concordei. Daniel era fiel, eu sabia que ele me apoiaria em qualquer decisão que eu tomasse, ele perguntou se eu ficaria com Amadou.

– Scarlett está com você, Daniel? – Perguntei subitamente.

– É... está, por quê? – Perguntou ele desconfiado.

– Coloque no viva-voz, por favor, tenho algo a dizer a vocês dois. – Eu disse com a voz séria, Amadou me olhou sem entender o que eu faria, pisquei para ele e ele sorriu sorrateiramente para mim.

– Fala, amiga! Estamos ouvindo. – Disse Scarlett com a voz estridente.

– Scarlett e Daniel, quero convidar vocês para serem meus padrinhos de casamento! – Eu disse em tom de surpresa, Amadou olhou para mim com olhos de arco-íris novamente e apertou minha cintura.

– Oh! Uau! Não conhecemos Amadou direito ainda, mas nossa, estou feliz, vamos sim, não é, Scarlett? – Disse Daniel.

– Oh, my God! Claro, Kate! Será um prazer, amiga, vocês serão muito felizes, quando vai ser o casamento? – Disse Scarlett animada.

– Não sei! – Ri. – Mas será em breve, não devem dizer isto a meu pai, se ele me quer fora de sua vida, ele terá, agora vocês e Amadou são a minha família. – Eles concordaram com isso, como é possível sentir alegria e tristeza ao mesmo tempo? Era exatamente o que eu sentia. Era como frio e quente, como água e óleo, não se misturam, mas coexistem.

Naquela semana, visitei o túmulo de minha mãe, o sofrimento era grande em meu coração, havia sete dias de seu falecimento. O pastor da igreja havia me ligado para saber se eu precisava de algo, eu disse a ele que eu já tinha tudo o que precisava. Levei flores, margaridas, as preferidas de minha mãe. Na lápide, meu pai mandou escrever “aqui jaz uma cristã da família Guttemberg”, faltou escrever que era uma cristã preconceituosa e racista como ele. Apesar de tudo eu nutria bons sentimentos e saudades por minha mãe. A sua nova casa era linda, toda revestida de mármore negro, negro como Amadou, meu pai deveria ter escolhido mármore branco já que não queria se associar ao que era escuro, minha mãe preconceituosa jazia em uma lápide negra, nesta vida cada um paga por seus erros, mesmo depois da morte.

Meu coração era leve, ao mesmo tempo pesado. Sentia falta de Bá e da cara emburrada de Filipe, sentia falta de meu pai, porém não mais o desejava ver. Apesar do sofrimento, algo brotava em meu coração, paz. Eu nunca havia sentido tanta paz em minha vida, uma paz capaz de me fazer viver e espalhar vida.

Amadou e eu fizemos algo inusitado, marcamos o casamento na terça-feira às onze da manhã, o motivo era que foi em uma terça-feira de manhã que nos vimos pela primeira vez, essa ideia me parecia deliciosamente insana. Não haveria igreja, nem festa, nem mil convidados, seria apenas eu, Amadou, dois amigos dele e dois meus. Eu pensava em tudo isso sentada no túmulo negro de minha mãe, faltava apenas um dia para o casamento, deveríamos comparecer ao cartório às onze horas pontualmente.

– Meu casamento será depois de amanhã, é uma pena que não esteja aqui, é uma pena que não me ouça mais, é uma pena que não respire mais, eu serei feliz, eu te amo, apesar de tudo, você foi uma grande mulher, mas isso não apaga seus erros. – Eu disse à beira do túmulo negro, eu sei que ela não me ouviria, mas eu precisava dizer, ela poderia estar viva e

compartilhar de minha felicidade se quisesse, mas o coração duro dela explodiu e ela se foi.

Eu não tinha roupas, tudo ficara na casa de meus pais, Amadou me deu algum dinheiro para fazer compras do que eu precisasse, saí do cemitério e fui até a rua do comércio de metrô, comprei um vestido simples para o casamento, algumas lingeries, duas calças, duas blusas e um casaco. A conta foi exata, Scarlett me deu de presente os sapatos, brancos como a neve com um salto preto, ela pensara em tudo, como sempre. Daniel visitou o apartamento de Amadou e levou para nós um lindo conjunto de banho e os amigos de Amadou, Lucas e Wesley, nos presentearam com uma linda cama de casal. Eu tinha uma família novamente.

A segunda-feira passou voando, quase não existiu, foi como um vento louco. Eu dormi na casa de Scarlett, afinal, ela seria minha cabeleireira e maquiadora naquele dia, ela sempre sonhou com isso, em me arrumar para meu casamento, ela estava radiante, me acordou às oito horas, me obrigou a tomar um belo café da manhã e então iniciamos os processos de beleza. Nós duas ríamos juntas como há muito tempo não fazíamos, ela mexeu em meus cabelos com carinho, carinho de irmã, e iluminou meu rosto delicadamente. Eram nove e quarenta e cinco e eu já havia colocado o vestido, Scarlett disse que eu parecia a noiva simples mais feliz do mundo, ao ouvir isto, uma lágrima surgiu em meu rosto, emoção era seu nome, minha amiga me abraçou como minha mãe deveria estar fazendo, então disse em meu ouvido:

– Eu te amo como uma irmã, você vai ser feliz com Amadou, ele é maravilhoso e te ama muito, fico feliz em fazer parte da sua felicidade.

As palavras de Scarlet inundaram meu ser de alegria, ela me deu a mão e me conduziu até fora de seu apartamento, onde o taxista nos aguardava. Entramos no carro e seguimos para o cartório, ainda haviam dúvidas em meu coração, não em relação a Amadou, mas em relação a eu mesma. Será que

eu conseguiria ser completamente feliz mesmo sem poder ter filhos? Este pensamento sempre vinha à minha mente, eu o ignorava, mas ele sempre estava presente. Ignorei novamente e apenas pensei em Amadou. Chegando ao cartório, avistei Daniel nos aguardando do lado de fora, ele veio em nossa direção, pegou em minhas mãos e disse:

– Uau! Você está linda! – Agradeci o elogio e entramos, Daniel disse que Amadou e seus amigos já aguardavam dentro do cartório. Fiquei nervosa, milhões de borboletas voando em meu estômago, minhas mãos suavam, o desejo pela ideia da felicidade era imenso.

Entramos, Scarlett me deu a mão do lado direito e Daniel do lado esquerdo, quando segui até a sala indicada, vi Amadou, fiquei sem fôlego, ele estava realmente lá, ele era real em minha vida, ele me amava realmente, não era um sonho, era real. Amadou estava belíssimo, o terno cinza-escuro contrastava com sua pele negra, os olhos dele eram como um revólver apontado para os meus, de longe ele disse baixinho para mim:

– Você está linda, eu te amo. – Corei, as maçãs do meu rosto eram vívidas, eu gozava de plena saúde e meus seios pareciam maiores, eu não entendi o motivo, mas Amadou estava me fazendo bem.

O juiz já estava em seu lugar, eu caminhei até Amadou, Daniel o cumprimentou e Scarlett sorriu delicadamente deixando uma lágrima de emoção escapar. Amadou segurou em minhas mãos, estávamos de frente um para o outro, o juiz proferiu as palavras:

– É de livre e espontânea vontade que vocês, Amadou Mbadei e Kate Guttemberg, se dispõem ao matrimônio em regime de comunhão total de bens?

– Sim. – Respondemos juntos.

O juiz pegou uma pasta de papéis, Amadou havia pagado uma taxa para agilizar o processo dos documentos, pois geralmente demoram trinta dias corridos e os nossos saíram em menos de uma semana.

– Peço às testemunhas que se acheguem para assinar. – Disse o juiz.

O juiz entregou uma espécie de pasta, dentro haviam os campos a serem assinados, primeiramente eu e Amadou assinamos, depois as nossas testemunhas. A caneta do juiz era de ouro, quase escorregou em minhas mãos suadas, Amadou me sustentou em seu olhar todo o tempo. Todos nós assinamos, estava feito, eu já não era mais Kate Guttemberg, me tornei Kate Mbadei.

Ao sairmos do cartório para uma pequena comemoração em um restaurante próximo, Amadou disse:

– Antes de irmos, quero dizer algo, quando conheci Kate como mulher eu já sabia que ela não poderia ter filhos, eu não sabia como, mas eu sabia dentro de mim que ela seria a minha esposa, então eu fiz uma coisa. – Sorriu para mim. – Eu fui até o orfanato e coloquei meu nome na lista de adoção. – Meus olhos brilhavam ao saber de tamanho carinho de Amadou por mim, eu estava perplexa e curiosa para saber o que mais ele tinha para dizer. – Faz três dias que recebi uma ligação. – Continuou Amadou. – Então logo depois de nosso almoço nós vamos até lá conhecer, talvez, nossa futura filha!

Amadou tinha um brilho intenso em seu olhar ao dizer aquelas palavras, eu desabei de felicidade, eu sorria e chorava ao mesmo tempo, eu o abracei forte e ele me ergueu, nossos amigos não acreditavam em tamanha façanha de Amadou, todos nós nos abraçamos e comemoramos, as palavras não saíam de minha boca, eu estava extasiada, eu sentia a vida, algo novo nasceu em mim naquele momento.

– Mikita é seu nome, ela tem apenas dois anos. – Disse Amadou olhando para mim, eu apenas consegui o abraçar mais uma vez. Fomos todos ao restaurante, eu estava extremamente ansiosa, ganhei um marido e uma filha no mesmo dia, meus amigos estavam ao meu lado, eu estava feliz, surpresa e meu coração mal cabia em meu peito. Brindamos à vida, tudo estava entrando em sincronia, mais uma vez Amadou fez viver

novamente em mim sonhos e aspirações, fez nascer flor onde a terra era seca e árida, de mim brotaria vida, nascia ali uma nova esperança.

Meus olhos atentos observavam tudo, o telhado antigo, as paredes com a tinta descascada, o choro dos bebês sem pais ecoava para fora do orfanato. A angústia residia ali, inegavelmente também o desespero. Amadou foi até uma pequena recepção e disse que tínhamos uma hora marcada com a assistente social para ver Mikita. Este nome sem dúvidas era diferente, soava como sinos em meu coração. A assistente social veio até nós.

– Boa tarde, vocês vieram ver Mikita, certo? – Disse ela. – Meu nome é Rosângela, sou a responsável por avaliar e acompanhar os processos de primeiro contato e adoção de cada criança daqui, antes de irmos precisamos conversar. Me acompanhem, por favor. Seguimos atentamente seus passos até uma sala no final do corredor medonho, entramos e nos sentamos, então minha indignação se iniciou. – Bom, vamos lá! Mikita, ela tem dois anos e foi encontrada em uma avenida há seis meses enrolada em cobertores velhos e sujos, não sei se vocês vão se interessar por ela, depois que a acolhemos os pais apareceram, é uma criança negra de descendência africana, os pais não teriam condições de cuidar, não mais, foram deportados para a África há quatro meses, a criança passou por momentos difíceis, estava desnutrida e com queimaduras nos lábios. – Rosangela respirou. – Não é todo mundo que deseja adotar uma criança como ela, negra, então estamos a oferecendo a qualquer um que aceitar.

Meus olhos se encheram de ódio, Amadou ficou totalmente sem graça, afinal, a cor da pele nada importava para nós.

– Então a senhora acha que por que ela é negra pode ser dada a qualquer um? Não há condições para ela por ela ser negra? Que tipo de assistente social é você? – Eu disse sem pensar.

– Acalme-se, apenas digo a realidade, ninguém quer adotar uma negrinha. – Disse Rosângela dando de ombros. Amadou enfureceu-se.

– Como você ousa chamar uma criança de negrinha na minha frente? Não vê a cor de minha pele? Sou tão digno quanto você, não se dirija à minha filha nestes termos. – Disse Amadou firmemente. O rosto de Rosângela avermelhou, ela não esperava a firmeza de Amadou, quando ele disse “minha filha”, eu senti, Mikita seria nossa, seria nossa princesa.

– Então vocês queremvê-la? – Perguntou receiosamente a mulher.

– Você ainda tem dúvidas? – Respondeu rapidamente.

– Então ok, vamos. – Disse ela dando de ombros.

Meu ser se agitava dentro de mim, como tal ousadia era possível existir, aquela criança era como todas as outras, uma vida, uma essência. Amadou segurou firme em minhas mãos, andamos pelo corredor tenebroso até que entramos em uma espécie de quarto. Meu coração derreteu. Aquela era a criança mais linda que eu já havia visto, sua pele era como veludo, seus olhos eram como a noite e seus pequenos dedos mostravam toda a sua fragilidade.

– Mikita! Você tem visita. – Disse Rosângela com desprezo. A criança olhou para nós com olhos sedentos de amor, Mikita estava em uma espécie de chiqueirinho, delicadamente estendeu os braços para nós. Eu a olhei e disse:

– Oi, como você é linda! Meu nome é Kate. – Me aproximei e ela tocou com as pequenas mãos em meus cabelos, eu encontrei a minha filha naquele momento.

As mãos fortes de Amadou pegaram Mikita no colo, ele a olhou em cada um de seus detalhes, Mikita sorriu com a careta de Amadou, então nós encontramos nossa filha. Imensidão de amor era o que eu sentia, peguei-a no colo das mãos de Amadou, ela me abraçou, eu disse em seu pequeno ouvido:

– A princesa ganhou um lar com muito amor!

– Vamos ficar com ela. – Disse Amadou à Rosângela.

Rosângela fez um sinal positivo com a cabeça e disse:

– Ok! O senhor já me forneceu naquele dia todas as informações necessárias, agora vamos fazer uma experiência de trinta dias, eu farei visitas semanais para avaliar a adaptação, vamos assinar os papéis.

O desdém era tamanho, como desprezar uma criança tão linda? Dentro de mim meu ser não tolerava mais tanta diferenciação, tanto preconceito.

Assinamos os papéis e levamos Mikita conosco, os seus olhos arredondados estavam assustados, quando ela viu o carro de Amadou disse:

– Carro.

– Sim, é o carro do papai. – Disse eu.

– Papai. – Disse Mikita fazendo os olhos de Amadou lançarem uma lágrima.

Ele sorriu para mim, a vida de Amadou foi sofrida, entre tantos momentos de angústia por ter a pele que tem, um homem pode ser punido por ser quem é? Os valores estão invertidos nesta sociedade hipócrita e racista. De uma coisa eu estava certa, minha Mikita nunca mais veria as paredes descascadas daquele orfanato. Eu e Amadou pretendíamos sempre deixar claro à Mikita que seríamos seus pais de coração e que ela tinha uma família biológica em algum lugar. Mesmo ela sendo uma criança de dois anos, sempre deixávamos clara a verdade. A assistente social fez todas as visitas planejadas, ela sempre aparecia de surpresa, não havia o que esconder, a cada dia que passava Mikita tinha mais brilho nos olhos. Um dia em que veio nos visitar, Mikita disse:

– Mamãe, porta!

Fui atender, era Rosângela.

– Ela já te chama de mãe? – Ela perguntou.

– Sim. – Respondi. – Se quiser pode perguntar a ela. – Eu não gostava da presença daquela mulher, seu odor cheirava racismo. Ela se aproximou um pouco de Mikita, mas não muito, e disse:

– Então você já chama Kate de mamãe, Mikita?

– Mamãe coração. – Respondeu Mikita fazendo um gesto com a mão no peito.

– Ah, que bom! – Disse Rosangela com tom de desdém. Depois disso houve mais duas visitas e, pronto, Mikita era nossa filha oficialmente. Amadou mostrava tanto amor por nós, eu não imaginava em minha vida ser digna de tanto amor assim.

## XI

Naquele dia, me senti mal. Acordei normalmente pela manhã antes de Amadou sair para o consultório, preparei seu café da manhã e o aguardei para comermos juntos, essa era a minha nova rotina. No início, precisei de muita força de vontade, afinal, eu não sabia como fazer as coisas. Em minha antiga vida, apenas pessoas me serviam. Amadou me ensinou coisas da cozinha, no início me perdia, fiz café com sal e queimei muitas panelas, meus dotes culinários estavam se aprimorando com meu Amadou, ele era ótimo na cozinha e eu um desastre ambulante. A paciência de Amadou era como uma tartaruga caminhando sem pressa. Mikita ainda estava dormindo, ela era como um anjo em nossa vida.

— Bom dia, amor! — Disse Amadou com voz de sono entrando na cozinha.

— Bom dia, amor... — Respondi incomodada. — O que há com você, Kate? Você não parece bem... — Disse ele com preocupação.

— Ah, meu estômago está enjoado hoje, não sei o que é, será que pode ser aquele meu problema novamente? — Respondi com medo, não gostava de lembrar dos momentos em que descobri que eu não poderia mais gerar vida.

— Kate, dessa vez você não vai ao médico, tem outra coisa em minha mente... Mas quando eu voltar do trabalho conversaremos sobre isso. — Disse Amadou, eu já imaginava a sua proposta.

— Encontrei um remédio para o estômago, algumas ideias surgiram em minha mente, eu senti medo, mas Amadou estaria comigo, disso eu não tinha dúvidas. Cuidei de Mikita, nossa princesa, eu estava tão feliz em minha nova vida, passamos o dia juntas, depois de meu casamento com Amadou, minha

vida floresceu de tantas flores, os dias traziam o perfume da esperança e minha Mikita, tão linda, me fazia feliz. O dia se foi entre risos e brincadeiras. Amadou chegou e me convidou para consultar um mestre vodu com ele, para saber algo sobre meu problema. Para mim, foi uma coisa absurda, um intelectual que ele é, acreditar nisso. Eu respondi:

— Amor, você não tem medo de me falar uma coisa dessas? Isso é uma brincadeira, é isso que faz comigo?

Eu ainda não comprehendia bem sua religião, às vezes conversávamos extensas horas, mas minha criação cristã não me permitia entender.

— Vamos lá, amor. Kate, você não sabe de onde a água sai para entrar no coqueiro, o que temos a perder? — Ele disse. Então ele me convenceu, eu decidi ir, mas eu estava com muito medo. Iríamos no dia seguinte, pois na próxima manhã Amadou não teria pacientes. Nós deixamos nossa Mikita com a babá e partimos para a estrada, saímos cedo, o caminho era muito longo e meu medo não parava de se manifestar. Depois de uma hora de viagem, chegamos na casa do mestre vodu. Nós tocamos a campainha e uma mulher veio abrir o portão.

Meu coração tremeu como um terremoto na entrada, eu segurei meu Amadou. Havia um grande pátio, no meio havia uma casa com o teto de forma triangular, sem paredes, um poste de madeira vertical segurava o teto no meio, nesse poste de madeira haviam várias fitas de cores amarradas, um espelho fixado ao oeste, um prato de cor branca cheia de vários tipos de ingredientes, grão de milho grelhado, arroz com feijão, uma corda longa, caveiras de animais, tambores e várias cores de velas, brancas, pretas, vermelhas e amarelas faziam o contorno.

— Vocês podem sentar para aguardar o mestre Abatu. — Disse a mulher, sua voz sombria me causou arrepios. Sentamos sobre uma cadeira pequena feita de madeira. Alguns instantes, um silêncio nos invadiu e a voz do mestre nos espantou dizendo:

— Ôooo, problema! Muito problema na casa! — Como eu não sabia o costume, ele lançou a mão direita para cumprimentar, eu recebi com minha mão direita.

Meu Amadou disse:

– Desculpe mestre, ela não entende!

O mestre Abatu sentou-se no chão e nós ficamos na frente dele, eu à esquerda e Amadou à direita. Ele disse:

– Filhos, problema, problema na casa! – Ele repetia várias vezes a mesma frase, então o mestre Abatu começou a narrar sobre minha vida, me deu um jogo de cartas para tirar uma, depois ele continuou a falar sobre minha vida, sobre o casamento com Wan, eu fiquei com medo.

Depois de tudo isso, ele disse:

– Menina! Eu falei mentira?

– Você falou a realidade. – Eu respondi olhando para Amadou.

– Menina, você tem um problema racial, isso vem da injustiça feita por teus pais. Ah, menina, problema! Você sabe que o fruto de injustiça não tem flores. Olha! Seu médico falou que você não pode engravidar, para o que você tem a medicina não tem ciência pronta para isso. – Disse o mestre vodu rindo.

– Então agora nós vamos resolver isso, eu vou chamar os loas! Você concorda?

– Sim. – Respondi temerosa.

Depois de alguns minutos o mestre vodu me deu uma vela branca para acender numa outra, ele pegou uma garrafa de água e começou a jogar nos quatro cantos cardeais, ele disse para repetir essa frase sete vezes na face do oriente:

– Eu venho aqui não para brincadeira, Erzulia, Erzulia, minha divina! Você é minha cura dessa infertilidade! – Repetindo isso eu senti uma transformação em mim, eu falhei e quase caí de cara, ele me segurou.

– Ah, ah, menina! Os loas me falaram que você está grávida do primeiro namorado. – Disse o mestre. Eu fiquei desconfiada dessas palavras, fiquei nervosa quando ele reencarnou Wan no meu coração. Amadou não sorriu para mim.

– Nós terminamos.

– O mestre Abatu me entregando uma garrafa feita de tisana e disse:

– Bebe isso no levantar e no acabar do sol durante uma semana, me entregue também uma peça de cinco centavos para jogar no mar, depois de uma semana você vai sentir dor e você deve ir ao hospital.

Eu estava aterrorizada, meus olhos permaneceram arregalados por longo tempo, como poderia ser isto? Grávida de Wan? Eu não sabia o que pensar, eu não sabia o que Amadou pensaria ou faria ou como reagiria. Fiquei paralisada por alguns instantes, meus pensamentos não processavam este novo fato, agora que eu tinha uma nova vida, um homem que me ama e uma filha linda, tudo tremeu dentro de mim. Algo me fez voltar, eram as gentis mãos de meu amado, ele me segurou abraçando e disse calmamente:

– Esta é a vontade do destino, nada podemos fazer contra isso, meu amor por você não mudará, considero que nossa família vai aumentar e que esta criança será recebida por um pai amoroso assim como Mikita.

Eu pensei estar em algum tipo de transe ao ouvir estas palavras, mas não, era a realidade pura, meu ser agitou-se dentro de mim de gratidão, o amor de Amadou por mim era forte como uma rocha e eu era fortalecida por esse amor. A consulta terminou, o mestre Abatu cumprimentou-nos em despedida, o olhar da mulher que nos levou até o portão não se apagava de minha mente. Entramos no carro e voltamos, eu passei a mão em minha barriga, meu ventre não era seco, seco era o amor de Wan por mim, Amadou colocou a mão sobre a minha barriga e disse:

– Ganhei dois filhos de uma só vez, não duvide, estou feliz. – O olhar de Amadou era sereno, minha alma estava confortável apesar do choque. A ciência enganou-se sobre mim, meu ventre floresceu, a vida em mim aconteceu.

## XII

Acordar nos braços de Amadou todos os dias era meu maior prazer, as noites ao seu lado eram sempre quentes, ele nunca se cansava de me amar, profunda e fisicamente, meu homem forte, intenso como a cor de sua pele. Me deliciar com suas carícias era como ter o melhor da vida em mim, ele era minha sobremesa todas as noites. Por uma semana bebi o que o mestre Abatu ordenou, o líquido da garrafa de tisana era amargo como o desamor, eu sentia meu corpo fazer aversão ao gosto, mas fui valente, fiz exatamente como ele disse. Nada havia ainda acontecido, quando de repente veio uma dor abdominal intensa, me remexi na cama cutucando Amadou.

– Amor, sinto dores. – Eu disse me remexendo.

– Kate! As dores que o mestre disse! – Disse ele ainda desorientado. – Em nenhum momento eu duvidei do mestre, vamos! Eu te ajudo, vamos deixar Mikita na babá e ir ao hospital.

Era madrugada ainda, mas as dores vinham fortes e eu apenas concordei, a babá de Mikita já estava de sobreaviso que poderíamos ter de sair a qualquer momento e deixar nossa princesa com ela, chamava-se Amanda, nome doce, menina de uma bondade imensa. Senti seu corpo escorregar da cama, eu sabia que antes de qualquer coisa ele passaria no quarto de Mikita, como sempre. O quarto de nossa princesa ficou lindo, pintamos de laranja suave e os móveis eram marrons claro, colocamos uma prateleira com muitas bonecas lindas e havia também uma caixa de brinquedos e uma poltrona para contar histórias a ela antes de dormir, todas as noites eu e Amadou fazíamos isso, viajávamos juntos, sempre por meio das histórias dos livros.

– Amor! Já ajeitei Mikita, vamos! – Disse Amadou animado. Me levantei ainda tonta, vesti uma roupa e peguei minha bolsa

rapidamente. Saímos depressa, tal era a ansiedade de Amadou, deixamos Mikita com Amanda, ela morava no mesmo prédio que nós, e seguimos para o hospital. Algo se agitava dentro de mim, como se quisesse dizer "oi!". Minha mente não raciocinava direito, eu estava com dores abdominais, enjoo e tontura, Amadou me sustentou em seus braços durante todo o tempo. No hospital, Amadou foi até a recepção e disse agoniado:

– Boa noite, ou bom dia, tem ginecologista de plantão? Minha mulher está grávida e não se sente bem.

Amadou não tinha dúvidas, para ele o que o mestre havia dito bastava. Seguimos para a sala de espera onde o ginecologista, Dr. Mitsuko, iria nos chamar, sentamos e Amadou parecia tão agitado, ele não sabia o que fazer, me oferecia água a todo o momento, me perguntava das dores, me olhava com atenção e mexia as pernas sem parar.

– Kate? – Chamou o doutor. Rapidamente Amadou segurou em minha mão para me levantar, tudo rodava e ele me guiou até o consultório.

– Sentem-se, o que está acontecendo? – Disse o doutor calmamente.

– Minha mulher está grávida, quer dizer, temos de confirmar a gravidez, precisamos saber se ela está realmente grávida. – Disse Amadou agitado.

O médico riu, perguntou meus sintomas, eu disse tudo o que eu estava sentindo, então ele disse:

– Pelos seus sintomas eu posso dizer que pode sim estar grávida, mas é necessário a confirmação, vejo a ansiedade de seu marido, vou pedir exame de sangue, mas só fica pronto na próxima semana, então vamos fazer um teste mais rápido. O doutor tirou da gaveta um teste de farmácia, me entregou e disse para eu ir até o banheiro e fazer xixi nele, em meus pensamentos eu ri, o nervosismo de Amadou me divertia. Fui até o banheiro, não precisei me esforçar para fazer de fato o teste, então esperei, quando vi a cor verde surgir a felicidade se acendeu em meu coração. Voltei à sala, Amadou me olhou com olhos desesperados.

– Sim, sim, sim, sim! – Eu disse animada. – Sim, amor! Verde! Estou mesmo grávida. – Minhas dúvidas foram embora, havia um serzinho dentro de mim, extensão de minha vida, um ser tímido, pois minha barriga não havia crescido quase nada. Amadou ajoelhou-se no chão e beijou minha barriga miúda, eu tremia de felicidade, mas o medo estava em mim também, este filho era de Wan.

– Amadou, este filho é de ... – Comecei a dizer. – Este filho é nosso, meu e seu e Mikita terá companhia em breve. – Disse ele me interrompendo, levantou-se e beijou meus lábios.

O doutor não entendeu nada, apenas disse:

– Parabéns mamãe e papai, não se esqueçam de iniciar imediatamente o pré-natal, vou te passar um medicamento para ajudar com os enjoos e com as tonturas, se alimente bem e cuide-se.

Agradecemos e saímos da sala, eu ainda sentia alguma tontura, mas minha felicidade era tão grande que por um momento me esqueci dela. Ainda era madrugada, voltamos e passamos na babá para pegar Mikita, ainda estava adormecido o nosso anjinho, nossa família cresceu muito rápido, pensei. Ao entrarmos no apartamento, Mikita acordou.

– Mamãe... – Disse Mikita com a voz baixinha.

– Mikita acordou, amor, devemos contar a ela? – Perguntei a Amadou.

– Amadou sentou-se com Mikita no colo e disse:

– Oi, filha. Temos uma novidade para contar, você vai ter um irmãozinho ou irmãzinha em breve, mamãe está grávida.

A calma de Amadou era como a brisa suave do mar.

– Irmão tá dentro mamãe? – Disse Mikita, nós rimos, ela também sorriu. Mostrei a ela minha barriga, ela olhava com estranheza, ela colocou as mãozinhas delicadas e geladas em minha barriga e fez carinho, Amadou observava atentamente todas as ações e reações de Mikita.

– Nós vamos comemorar! – Disse Amadou.

– Como, amor? – Perguntei animada.

– Vamos no cinema sábado! Depois vamos jantar em um restaurante, o que acham?

– Perguntou Amadou.

– Eeeee! – Disse Mikita, a resposta estava dada.

No dia seguinte, contei aos meus amigos, eles não acreditavam, estavam abismados com essa façanha do destino, felizes, mas preocupados. Eu e Amadou decidimos nada dizer a Wan, afinal, ele já não fazia mais parte de nada em mim. Amadou também contou aos seus amigos e decidimos todos juntos comemorar sábado às dezenove horas em um restaurante do shopping. Mikita estava se desenvolvendo mais e mais a cada dia, quando chegou a nós, não dizia muitas palavras, estava desabrochando, linda e leve a nossa princesa, será que viria outra princesa? Ou seria um príncipe? Eu sentia o amor irradiando por todo o meu corpo, ser mãe, estávamos eu e o pequeno ser em simbiose profunda.

A vida fluía feliz, meus dias eram calmaria e amor, Mikita estava ansiosa para ir ao cinema pela primeira vez, Amadou disse muitas coisas a ela, praticamente deu uma aula de cinema. Eu amava o modo como Amadou conduzia tudo, havia tantos sentimentos bons dentro dele, dele emanavam amor e esperança. Eu não tive mais notícias de meu pai, apesar de tudo, ainda conservava seu lugar em meu coração, eu não sei o que houve com ele depois da morte de minha mãe, mas ele escolheu viver longe de mim e de minhas escolhas, ele não sabia que seria avô e talvez nunca saberia. Triste fim para um homem é a solidão.

Já era meio dia, Mikita estava pronta, almoçamos o peixe delicioso que Amadou preparou e seguimos para o cinema, no carro Mikita dizia:

– Mamãe, tá chegando?

– Sim, princesa, estamos quase chegando. – Respondi.

Quando chegamos ao shopping, Mikita mal piscava, tudo era novidade para ela, curiosidade e medo, não largava a mão do pai de maneira alguma, fazia muitas perguntas e

Amadou sempre estava pronto para responder. Faltava cerca de uma hora para nossa sessão de cinema, então decidimos passear pelas lojas, Mikita encantou-se na loja de brinquedos, compramos uma pequena boneca para ela.

– Quero branca, parece mamãe. – Disse ela.

– Escolha qual você quiser, todas essas bonecas são lindas. – Respondi. Pretendia criar Mikita sem preconceitos, se a boneca fosse azul eu diria a mesma coisa. Depois que bebi o elixir do mestre vodu, minha barriga apontou, eu estava realmente como uma mulher grávida, minhas roupas ficavam esticadas em mim, meus seios cresciam mais e mais cheios de vida, então andamos em direção a uma loja de roupas de gestantes.

A vitrine era linda, Amadou não largava minha mão e a de Mikita, éramos o retrato de uma família diferente e feliz, meu rosto estava corado, meus cabelos mais brilhantes, a gravidez estava me fazendo bem. Estávamos para entrar na loja quando paralisei, eu não havia planejado aquilo, meus olhos arregalaram, eu não acreditava no que meus olhos viam. Era Wan e uma mulher dentro da loja, de mãos dadas, a barriga dela era enorme, ela andava com dificuldades apoiada por ele. Amadou estava dando atenção à Mikita e naquele exato instante Wan virou-se e olhou para mim, eu estava parada e com a mão na barriga. Eu não pretendia mais ver Wan. Mesmo que casualmente, ao me ver, seus olhos saltaram diretamente para a minha barriga, ele lançou um olhar de confusão, eu sem saber o que fazer agarrei a mão de Amadou, ele pegou Mikita no colo e me beijou suavemente. Ao me ver com um negro, Wan parecia estar diante de um fantasma, a mulher a seu lado lhe pediu atenção, inventei uma desculpa para Amadou, disse que em outra hora veria as roupas, então saímos.

– Está tudo bem, amor? Você parece tensa. – Disse Amadou.

– Sim, coração, estou bem. Vamos ao cinema, está quase na hora. – Respondi calmamente. Amadou percebeu meu

desconforto, mas ele sempre soube conduzir tudo calmamente. Andamos em direção ao cinema, Mikita estava muito animada, então fiz questão de esquecer o fantasma que vi. Andamos um pouco até a fila da entrada, confesso que andar com esta barriga grande não é nada fácil. Amadou havia pensado em tudo, comprou os ingressos antecipadamente.

Na fila, estávamos conversando, Mikita risonha com os olhos brilhando, Amadou me beijava e a fazia rir, haviam muitas pessoas na fila, era dia de estreia, algum filme sobre guerra, mas nós iríamos assistir a um desenho animado, "Reino Escondido", era este o nome do filme, Mikita queria muito ver.

Algo me tocou por trás.

– Kate? – Era a voz do fantasma a me chamar, meu pensamento foi rápido, pensei em Amadou, dei uma olhada e confirmei meu temor, era Wan, meu coração interrompeu, fiquei sem palavras. – Você está grávida? Como isso é possível?

– Disse Wan quando percebeu que nada saía de minha boca.

Meu Amadou e minha Mikita estavam assistindo a cena sem nada entender, era como uma cena de Romeu e Julieta, só que totalmente distorcida, como Amadou é uma pessoa muita educada não fez nenhum gesto insensível. Depois de alguns segundos, eu disse temerosa:

– Querido, este é Wan.

Amadou o cumprimentou estendendo a mão direita, a fila andou. Nós entramos na sala de cinema sem nenhuma explicação a dar para Wan, e ele prosseguiu seu caminho no shopping, estranhamente a mulher grávida não estava com ele. Dentro do cinema, percebi olhares de ciúmes em minha direção vindos de Amadou, ele ficou pensativo, mas me beijava todo o tempo, no cinema Mikita disse:

– Papai, para beijar mamãe, vê filme!

Nós sorrimos e tudo ficou bem. Mikita era a chave de nossa alegria, ela completava os nossos dias e os fazia leves como uma pluma. Durante todo o filme, ela prestou atenção, mal tocou na pipoca que Amadou comprou, a tela gigante estava

toda dentro de seus olhos, a imaginação de nossa princesa estava fluindo como um rio de água doce. A sessão terminou, já eram quase dezoito e trinta, nossos amigos nos encontrariam no restaurante para a segunda parte da comemoração, eu estava com uma fome de leão, o pequeno ser dentro de mim pedia comida, ele estava faminto.

Andamos em direção ao restaurante, olhei desconfiada ao nosso redor para me certificar de que Wan não estaria por ali, tudo certo, nada do fantasma, seguimos ao restaurante. A mesa já estava reservada, seríamos em sete pessoas, os membros de minha nova família comemorando mais uma alegria conosco, na verdade seríamos oito, o ser dentro de mim também estava presente.

Entramos, sentamos, e eu não consegui esperar, pedi ao garçom uma salada para enganar o estômago, para meu alívio todos chegaram rápido. Mikita queria jantar sorvete, mas a condição era que primeiro comesse alguma comida para depois tomar o sorvete. Isso não a agradou, mas aceitou mesmo assim. Fizemos o pedido, Amadou estava radiante, nossos amigos agora eram amigos entre si também, quanta felicidade.

– Vamos brindar! – Disse Scarlet com a voz estridente de sempre.

– À vida! – Disse Lucas animado.

“Tim-tim!” Brindamos, nossos amigos com cerveja, eu e Amadou com suco de laranja, isso foi engracado, Amadou não gostava de beber, eu não poderia mesmo que quisesse. Mikita brindou com sorvete, fazendo todos da mesa caírem na gargalhada.

A noite estava em seu fim, estávamos em nossa casa quente e cheia de amor, antes de dormir chequei meus e-mails, há dias não fazia isso, então vi uma mensagem de meu pai, enviada havia cinco dias, com medo abri impulsivamente, nela dizia:

*“Kate, o arrependimento me mata, estou tão só, o que eu fiz comigo? Sinto não ter informações suas, eu não*

*mereço na verdade, eu escolhi isto. Nossa família escravizou negros no passado, eles sempre nos serviram, agora está sendo difícil para mim entender sobre seu namorado, eu não sei onde você está, me responda esta mensagem, eu quero combinar um jantar com vocês”.*

Fiquei abismada com tais palavras, imediatamente mostrei a Amadou, que ficou tão surpreso quanto eu. Tudo havia mudado, eu tinha um marido, uma filha e estava grávida, meu pai não sabia de nada disso, eu deixei claro que Scarlett e Daniel não poderiam dizer nada a ele, visto que ele escolheu o afastamento naquele dia cruel. Dois fantasmas apareceram para mim no mesmo dia. Deixei claro para Amadou que não sentia mais nada a respeito de Wan.

– Minha vida agora é você, meu amor, você e nossos filhos. – Eu disse amorosa.

– Quanto a seu pai, o que faremos? – Perguntou Amadou.

– Eu não vou fazer nada que te faça sentir desconfortável, amor, eu não sei se as palavras de meu pai são sinceras ou não. – Disse com dúvidas.

– Certo, amor, então o convide para jantar aqui conosco, se as palavras forem sinceras ele virá, se não, teremos a resposta. – Disse Amadou, firme como sempre.

Respondi o e-mail de meu pai.

*“Boa noite, se as suas palavras são sinceras venha jantar conosco aqui em nosso apartamento, mas deixe as armas em casa. Venha quando quiser, apenas me notifique da sua vinda. Eu e Amadou receberemos o senhor com prazer para ouvir o que tem a dizer. Rua Pamplona, número 187, ap. 8, Bela Vista, é o nosso endereço, próximo à Avenida Paulista, não venha sem avisar”.*

As minhas palavras foram ríspidas e secas, afinal, eu não tinha simpatia para dar a meu pai desde nosso último encontro. Amadou viu a mensagem que enviei e disse que estava perfeita, eu estava cansada, andei muito naquele dia. Amadou olhou Mikita em seu quarto, tirou as roupas, deitou-se ao meu lado e disse:

— Você está cansada, venha, deite-se aqui perto de mim, vamos dormir. Deitei na frente de seu corpo, suas mãos acariciaram minha barriga, ele me beijou as costas, relaxei. Dormir ao lado de Amadou era sempre fácil, eu estava segura.

## XIII

Algumas semanas se passaram, minha barriga era como o monte Everest, meu pré-natal corria bem, tudo fluía bem, Mikita foi com Amadou comprar roupinhas para o príncipe. Sim! Seria um menino, Amadou não cabia em si de tanta felicidade, eu não comprehendia como ele poderia amar um filho de outro homem, mas tudo aquilo me fazia muito feliz. Eu já completava sete meses de gravidez, Scarlett sempre vinha para me ajudar, estava com dificuldades com o trabalho de casa, os amigos de Amadou, Lucas e Wesley, compraram um lindo berço para nosso príncipe, então percebemos, não havia espaço o suficiente para tantas coisas.

Amadou chegou em casa depois do trabalho e anunciou para mim e Mikita – Vamos mudar!

– Disse ele animado.

Como? Pensei em mim, mudar o quê? Para onde?

– Sim! Nós vamos! Vendi este apartamento, vamos comprar uma casa maior. – Disse Amadou exalando felicidade. Eu não acreditava em tal façanha de Amadou, ele sempre pensava em tudo.

– Amor! Verdade? Não acredito! Você fez isso sem me dizer nada? – Disse perplexa.

– Kate, era surpresa, eu não podia te dizer. – Disse rindo.

– Amor! Isso é... Isso é maravilhoso! Vamos poder arrumar o quarto de nosso príncipe! – Eu disse explodindo de alegria.

Mikita batia palmas:

– Casa nova! Casa nova, papai! Eu vou com vocês? – Disse Mikita com medo do abandono.

– Claro, minha filha! Como vamos viver sem você? Seremos sempre eu, você, mamãe e Melki! – Disse Amadou, Mikita brilhou os olhos e comemorou.

– Melki? – Perguntei.

– Sim, amor. Melki Mbadei, é o nome do nosso filho que vai chegar! – Disse ele com emoção.

As lágrimas me escaparam, esse nome era lindo! Abracei minhas duas preciosidades, eu não esperava tantas surpresas no mesmo dia.

Ao entardecer, recebi um telefonema. Era Judite, da igreja. Ligou para saber porque eu havia desaparecido.

– Porque você desapareceu, menina? Todos perguntam de você sempre. – Disse ela com a voz insuportável, havia tempo que não ouvia sua voz, aquilo incomodava meus ouvidos.

– Apenas estou vivendo minha vida, estou bem. – Respondi seca.

– Você soube de Wan? – Disse ela em tom de fofoca.

– Não, na verdade isso não me interessa mais. – Respondi a fim de cortar o assunto.

– Ah, mas as coisas mudaram para ele. – Disse ela como se eu não houvesse dito nada.

– Ele mudou muito, depois de você rapidamente pegou qualquer uma boba e se casou, mas a mulher colocou vários chifres nele, ela traía ele sempre e na própria casa, acredita?

– Disse ela descontroladamente. – Quando ele descobriu, deu uma surra nela, ela o denunciou e ele ficou preso uma semana, depois pagou a fiança e saiu, o pior é que voltou a morar com ela, ela disse pra ele sem dó que estava grávida do amante e que ele deveria ficar de bico calado para não passar vergonha, mulherzinha cricri.

Eram muitas informações para a minha cabeça, eu não queria saber nada daquilo, mas era triste a nova vida de Wan, coitado.

– Eu realmente não quero saber dele. – Eu disse tentando sair da situação.

– Ah, ele ainda visita seu pai, sabia? Vira e mexe estão juntos por aí, ele deve ter um arrependimento tão grande por ter deixado você, uma moça tão boa, apesar de seca, você nunca iria traír ele. – Disse Judite como uma matraca.

– Em primeiro lugar, eu não sou seca, em segundo não quero saber sobre isso, dane-se Wan, tenho uma vida agora, não me dê mais informações sobre ele ou meu pai, realmente não quero saber. – Respondi irritada.

– Não é seca? Como não é seca se não pode ter filhos, uma mulher assim não arruma casamento fácil, olha você vai ter que...

Desliguei o telefone, não suportava mais a voz daquela mulher e nem saber das coisas que ela me disse, a insanidade está em toda parte, o que ela ganharia me dizendo tais coisas? Ela não estava satisfeita em cuidar de sua própria vida e queria cuidar da minha, ela não sabia de nada e nem precisava saber. Mas uma coisa ficou em minha mente, Wan e meu pai se encontrando sempre, isso não me cheirava bem.

Era um dia ensolarado, o verão vinha com tudo, eu estava em minha cama com Amadou, seus braços me envolviam, minha barriga me incomodava, nenhuma posição era boa o suficiente, de barriga pra baixo nem pensar, de lado parecia que meu príncipe iria cair e de barriga pra cima eu não conseguia respirar, Amadou era como meu travesseiro, mas nos últimos dias eu estava muito desconfortável.

Meu sono era profundo como o de uma criança, eu sentia muito sono e muita fome, meus sonhos eram bons, eu sonhava com uma linda cachoeira, tão refrescante, tão molhada, deliciosa. Senti que a água molhava meu corpo, eu estava tão confortável em meu sonho.

– Kate! Amor, o que há? Você está fazendo xixi na cama?  
– Disse Amadou interrompendo meu sonho.

Eu me assustei, realmente eu estava molhada, mas não era xixi.

– A bolsa, Amadou! A bolsa! – Eu disse eufórica.  
– Qual bolsa, amor? Me fala que eu pego. – Disse Amadou sem jeito.

– Não, Amadou, a bolsa minha, a minha bolsa, o bebê, a bolsa estourou, me ajude a levantar! — Eu disse, eu queria rir, mas estava desesperada demais.

Amadou se levantou desesperado, estava apenas de samba canção, ele não sabia o que fazer, era estranhamente engraçado, um homem tão alto e forte desesperado como um menino.

– Amor! Presta atenção em mim! Olha pra mim! – Eu disse a Amadou. – Calma, ok? Tem uma bolsa dentro do meu armário, pegue para mim, pegue também um vestido que está separado na primeira gaveta, vá com calma, ok?

Amadou fez que sim com a cabeça, fez o que pedi, me troquei, as dores começaram, eu não sabia se chorava, se gritava ou se ajudava Amadou. A agitação de Amadou me agoniava.

– Amor! Amor, olha, vá até o quarto de Mikita, pegue ela e a deixe com a vizinha, a Dona Ana, e volte aqui, entendeu? – Perguntei a ele.

– Sim, sim, ai, meu Deus, Mikita, levar na Dona Ana, já volto. – Disse ele apressadamente. Dona Ana era nossa nova vizinha, desde que nos mudamos para esta casa ela tem se mostrado gentil, deixei avisado a ela que se algo acontecesse eu deixaria minha princesa lá. Depois de alguns minutos ele chegou.

– Ok, amor, vamos, coloque calças, por favor, vista-se e vamos. – Eu disse olhando para ele apenas de samba canção, desejava que Dona Ana não tivesse percebido como ele se apresentou a ela.

– Vamos onde? – Disse Amadou colocando a roupa.

– No hospital, amor! Ai, você quer que eu tenha Melki aqui? Ai, está doendo, vai logo! – Eu disse sentindo minhas entranhas se rasgarem.

Amadou fez tudo rápido, me apoiou em seus braços, as dores eram terríveis, ele me colocou no carro e saiu cantando pneu. Em dez minutos estávamos no hospital, foram os dez minutos mais longos da minha vida.

– Oi, minha mulher está em trabalho de parto! – Disse Amadou para a recepcionista.

Logo uma equipe médica veio me buscar, Amadou foi junto, ele desejava assistir ao parto, as lágrimas desciam em meu rosto, não sabia ser capaz de suportar tamanha dor, os médicos tiraram a minha roupa e colocaram um avental azul em mim, o médico fez o exame de toque, a dor era tanta que nem senti o dedo dele, ele olhou para mim e disse:

– Vamos lá, garota! É hoje, seu filho está chegando, força, respira, você fará um parto normal, falta apenas um centímetro para a dilatação necessária.

Eu não entendia nada do que ele dizia, apenas respirava. A dor não me deixava dizer nada. Algo tocou minha mão, um homem vestido de azul, com máscara e touca, era Amadou, tudo parou, a dor ficou em segundo plano.

– Vamos lá, meu amor, estou contigo. – Disse ele carinhosamente. Eu pensei se ele havia tomado um calmante para melhorar, ele estava muito agitado antes, em meus pensamentos eu ri, segurando forte a mão de meu amado, ouvi o médico dizer:

– Coroou! Força, menina, respira, vamos, respira e solta o ar, vamos, vejo a cabeça do seu bebê.

A cabeça do médico estava entre minhas pernas, mas eu não me importei com isso, apenas respirava. Os olhos de Amadou estavam arregalados, ele segurava firmemente minha mão.

– Força, mais força, vamos, força, respira! – Dizia o médico.

Eu não emitia sons, apenas respirava ofegante, chegou uma hora em que meu corpo reuniu todas as forças, meu corpo todo estava coberto de suor, eu enchi o peito de ar e fiz a maior força que já havia feito em toda a minha vida. Algo deixou meu corpo, eu senti.

Minha dor passou quando ouvi o choro de Melki, o amor me anestesiou, eu vi pela primeira vez meu príncipe, tão pequeno, Amadou chorou ao meu lado, meu rio transbordou, o médico trouxe ele até mim, o cheiro de vida estava nele,

coberto de sangue e líquido amniótico, meu filho, meu amor, vida de minha vida, ali, naquele momento eu descobri o amor de mãe pela segunda vez, agora dois seres dependiam de mim e de Amadou, Mikita e Melki, agora tínhamos um casal de filhos.

Amadou beijou minha testa e disse:

– Parabéns, amor! Você conseguiu, nosso filho é lindo, obrigada por me dar uma família, eu te amo tanto.

A emoção tomou conta de nós, a felicidade mais uma vez nos visitou.

Meu bebê era lindo, a pele branca, os olhos azuis escuros e o cabelo loiro, as mãos tão pequenas e sensíveis, o corpo tão frágil, extensão de mim, parte do meu ser. Ao chegarmos em casa, Amadou imediatamente buscou Mikita, ao ver Melki em meus braços seus olhos ficaram grandes e brilhosos, ela passou as mãos na cabecinha de nosso príncipe e disse:

— Irmãozinho branco mamãe, para brincar. – Meu coração se encheu de alegria ao ver o amor de Mikita pelo novo irmão, seus gestos eram cuidadosos e seu olhar de amor pleno.

— Sim minha linda, é irmãozinho, Melki, de quem tanto falamos todo esse tempo. – Eu disse amorosa acariciando os cabelos de minha princesa.

O sorriso de Mikita era um luzeiro em nossa casa, Melki sempre tinha a presença da irmã na hora de amamentar, meus seios estavam distribuindo vida, era tanto que decidi doar algumas vezes no banco de leite do hospital.

Eu nunca vi Amadou tão feliz como naqueles dias, ele ninava Melki quase todas as noites, contava histórias de aventura para Mikita e me acarinhava nas poucas horas de sono que eu tinha nos primeiros dias. Amadou ficou em casa comigo durante três semanas, até eu conseguir me adaptar à nova rotina.

Os dias passavam quentes e felizes, nos dias de chuva de verão Amadou levava Mikita para tomar banho de chuva, eu posso ouvir os gritos de alegria em meus ouvidos, o riso de minha princesa e de meu amado. Melki acalmava-se quando

estávamos todos juntos, era um bebê tranquilo, sempre esboçava um sorriso no rosto e balbucios, tudo era lindo nele. Amadou cuidava de nós como se não houvesse mais ninguém no mundo.

Nossos amigos vinham sempre nos visitar, fazíamos churrascos de fim de semana e eles riam ao ouvir a história do dia do nascimento de Melki, a parte que mais gostavam era a que Amadou foi de cuecas levar Mikita na vizinha, eles riam muito, risos de alegria, eles compartilhavam de nossa felicidade, eles faziam parte de nossas vidas.

Um dia pela manhã decidi checar meus e-mails, e lá estava, surpreendentemente um e-mail de meu pai, estava escrito: "Kate, bom dia, posso ir no apartamento de vocês neste fim de semana para jantar?" Apenas isso. Conversei com Amadou e ele disse que tudo bem, que poderíamos combinar neste sábado às dezenove horas, então respondi: "Bom dia, sim, sábado às dezenove horas te aguardamos, mas não no apartamento, nós mudamos para uma casa, o endereço é Rua Barata Ribeiro, número 400, bairro Bela Vista."

Enviei, mesmo temerosa, confiava em Amadou, se ele permitiu é porque teria condições de viver esta situação, meu pai não sabia que agora tinha dois netos, eu não imaginava qual seria sua reação. Minha mãe gostaria de Melki, a pele branca como ela preferia. O destino se encarregou de tudo, como disse Amadou, se ela estivesse aqui Mikita seria desprezada. Os dias corriam no calendário, o jantar com meu pai estava próximo, minha ansiedade era grande, minha angústia também, eu pensava se ele diria algo ofensivo ao meu Amadou e aos meus filhos, ou até mesmo a mim. Amadou, percebendo minha aflição, acalmou-me.

– Meu amor, não tenha medo de seu pai, agora somos uma família forte e ele nada pode fazer contra nós. – Disse Amadou carinhosamente. O amor de Amadou irradiava por todos nós, cada célula de meu corpo sentia-se envolvida por seu amor.

## XIV

Naquele dia, eu abri meus olhos temerosa, mesmo segura de que Amadou estava comigo. Levantei-me, dei de mamá para Melki, depois sentei-me à mesa para comer com Amadou a primeira refeição do dia e dei café da manhã para Mikita, ela gostava muito da refeição da manhã. Amadou saiu e voltou com um peixe enorme.

– Este é para o jantar, amor. Eu mesmo vou preparar, não se preocupe com nada. – Disse Amadou tentando me fazer sentir confortável.

– Nossa, meu homem está animado hoje, isso vai ficar delicioso. – Respondi em tom de brincadeira, ele sorriu.

As horas se passaram, Mikita e Melki não sabiam o que estava por vir. Mikita brincava com suas bonecas na sala e Melki dormia inocentemente, era minha brecha para tomar uma ducha. A água quente do chuveiro me relaxou, meus pensamentos eram apressados em minha mente, tantas coisas vividas durante toda a minha existência com meus pais, e agora tudo parecia vazio em relação a eles. Chamei Mikita para o banho enquanto Melki ainda dormia, ela veio correndo já sem as roupas, depois do banho penteei delicadamente seus cabelos crespos e macios, fiz nela um penteado lindo e coloquei um vestido laranja em minha princesa, ela disse:

– Noite especial, mamãe, você me arrumando como princesinha.

– Sim, filha, noite importante hoje, preciso que se algo acontecer você venha e fique bem pertinho da mamãe, ok? – Eu disse preparando Mikita para o pior.

– Sim, mamãe, eu te amo. – Disse ela me abraçando.

Coloquei um vestido azul cor do céu, preendi uma parte dos cabelos e coloquei uma pulseira que Amadou me deu de

presente, eu estava pronta, o cheiro de peixe assado invadiu a casa toda, o vinho sobre a mesa e estava tudo pronto. Faltava pouco para tudo acontecer. Melki estava em meu colo quando a campainha tocou, Amadou prontamente foi atender e Mikita veio ao meu lado. Quando Amadou abriu a porta, eu não pude acreditar no que vi, meu pai e Wan, meu coração quase parou. Amadou ficou paralisado por alguns segundos, até que disse:

– Boa noite, sejam bem-vindos à minha casa. Entrem, por favor.

Fiquei nervosa, Wan veria meu filho, branco e loiro como ele, mas que atrevimento, pensei, vir até a minha casa sem a minha permissão, onde ele queria chegar? Meu pai e Wan entraram, timidamente meu pai veio até mim, ele não acreditava no que via diante dele.

– Filha, o que é isso? Você teve um bebê? Um bebê branco? – Disse meu pai espantado. Eu não sabia direito o que dizer, mas precisava ser forte.

– Sim, este é Melki, meu filho, meu e de Amadou, esta é Mikita, nossa filha também. – Eu disse mostrando Mikita.

Meu pai demonstrava uma expressão confusa, Wan observou de longe, mas na presença de Amadou nada falou.

– Você é meu vovô? – Disse Mikita inocentemente.

Meu pai apenas olhou para ela, depois para mim e disse:

– Se minha filha é sua mãe eu sou seu avô.

Eu não acreditei que ouvi tais palavras da boca de meu pai.

– Vamos até a sala de jantar, preparamos algo para hoje, sintam-se à vontade. – Disse Amadou sabiamente.

Mikita agarrou em minha mão e todos seguimos para a mesa. Wan não havia dito uma palavra ainda. Amadou puxou a cadeira para mim, passou as mãos levemente em meus ombros e foi até a cozinha buscar o jantar. Nenhum de nós sabia o que dizer, meu pai me olhava como se não me conhecesse mais, Wan não tirava os olhos de Melki.

– Você visitou o sepulcro de sua mãe no cemitério? –

Disse meu pai.

– Sim, sempre vou. – Respondi rispidamente.

Amadou veio com o jantar e colocou tudo sobre a mesa, colocou mais um prato para Wan e nos serviu a todos. O silêncio era terrível, apenas barulho de talheres no prato.

– Chega dessa hipocrisia! – Disse Wan batendo os talheres na mesa. – Esse filho é meu, está na cara que é, é meu, você estava seca e agora teve um filho meu? E deu para esse preto criar?

Mikita rapidamente estava agarrada em mim e Melki no carrinho ao meu lado, Amadou levantou-se imediatamente e disse com a voz firme. – Respeite a minha casa e a minha família, você pensa que está onde? Te recebi bem em minha casa, respeite meus filhos e minha mulher.

Amadou era feroz como um leão, Wan hesitou.

– Esse filho não é seu, como você pede respeito? – Disse Wan provocando.

– Meu pai, vendo a situação, levantou-se e disse:– Sai daqui, vagabundo! Você nunca amou minha filha, veja o que esse homem fez, a aceitou mesmo quando parecia estar estéril, você não merece nada, se esse filho é seu ainda bem que não está em suas mãos, saia daqui, vá embora!

Meu pai estava a ponto de bater em Wan, seus olhos ferviam como água borbulhante no fogo. Amadou levantou-se e ficou entre Wan e meu pai, olhou bem para Wan e disse:

– Vou dizer apenas uma vez, saia de minha casa e não volte mais aqui.

A voz de Amadou provocou medo em Wan, ele se virou e foi embora, bateu a porta da sala tão forte que parecia um trovão.

Amadou respirou, olhou para Mikita e disse:

– Está tudo bem, filha. Pode sentar em seu lugar, princesa.

– Mikita obedeceu ao pai, Amadou tentava recuperar a calma. Quando olhei para meu pai eu o vi com os olhos marejados, as lágrimas caíam sem querer.

– Minha filha, me perdoe, seu velho pai estava errado, me perdoe, filha. – Disse meu pai chorando. – Eu não deveria ter trazido Wan, eu vejo, tem amor nesta casa, me perdoe, eu me arrependo das coisas que disse a vocês na última vez que nos vimos. Amadou, me perdoe, você realmente ama minha filha, eu sinto vergonha pelo que fiz, eu não fui capaz de amar minha filha como você a ama, eu deveria ter aceitado vocês, me perdoe.

As lágrimas de meu pai não cessavam, eu me levantei, aquela era a hora, eu fui até meu pai e o abracei, meu rio transbordou, eu estava novamente com meu pai.

– Pai, eu senti sua falta. – Eu disse abraçada nele. – Eu te perdoou, claro, meu pai, eu te amo, sempre amei.

Nosso abraço foi longo, senti toda a dor de meu pai, a solidão, o arrependimento. Amadou levantou-se e estendeu a mão direita a meu pai, ele prontamente apertou a mão de Amadou.

– Vamos continuar nosso jantar. – Disse Amadou apaziguando nossos sentimentos.

A partir dali tudo fluiu, contei a meu pai sobre meu casamento, sobre a adoção de Mikita, sobre como descobri a gravidez. Os ouvidos de meu pai estavam sedentos para ouvir tudo o que aconteceu neste tempo de afastamento, Amadou também falou muito, contou a meu pai como mudamos para a nova casa e como se sentiu no dia do nascimento de Melki.

– Que alegria, eu tenho dois netos, vou aprender a ser um bom avô, se vocês me permitirem, claro. – Disse meu pai.

– Claro, pai, você pode vir quando quiser, mas me diga, como está Bá? E Filipe? – Eu disse, estava com tantas saudades de Bá.

– Bá está bem, minha filha, Filipe foi embora para ser motorista nos Estados Unidos, somos apenas eu e Bá naquela casa imensa. – Disse meu pai.

As coisas mudam, a vida muda, a todo momento tudo pode mudar. A vida é imprevisível, é delicada, às vezes triste, às

vezes feliz e prazerosa. Meu pai estava se refazendo naquela noite, refazendo suas ideias e seus conceitos, ali se iniciava uma mudança, os olhos de meu pai foram abertos e o coração quebrantado.

## XV

Meus dias eram felizes, eu voltei à casa de meu pai algumas vezes. Quando fui a primeira vez depois do jantar em minha casa, Bá se debulhou em lágrimas, sua voz ainda ecoa em meus ouvidos.

– Minha filha, você voltou, você está tão linda, minha pequena, linda e com um bebê nos braços. – Disse Bá me abraçando e acariciando Melki. – Não desapareça de novo, querida, senti tanto a sua falta.

Bá era como uma mãe para mim, me viu crescer e sempre cuidou de mim, Mikita também a conheceu, Bá se apaixonou por ela, era amor sincero, vi no olhar de minha segunda mãe. Bá me contou o que acontecera a Wan depois do jantar em minha casa, a empregada da casa de Wan era amiga de Bá, naquela mesma noite ele chegou alterado em casa, subiu apressadamente para o quarto onde sua mulher dormia, subitamente pegou com força em seus longos cabelos, a arrastou até a ponta da escada e a empurrou, ela não morreu, mas perdeu os bebês, estava grávida de gêmeos. Wan foi preso por seu ato cruel, a marca que ele deixou no mundo foi de violência, a prisão era sua nova casa, lar amargo lar.

Depois de meses, algumas coisas aconteceram. Heranças podem se tornar maldição. Fantasmas ecoavam na cabeça de meu pai, maldita herança que a família dele deixou, ele ouvia vozes dizendo para matar os negros, em um dos primeiros episódios ele dizia em voz alta consigo mesmo: "Os negros? Vocês não podem me obrigar. Ah é, tenho que matar? Não, vocês não podem me dizer isso, matar, não posso, os negros? Apenas os negros? Sim, é o que vocês me dizem, mas não vou fazer, calem a boca! Estou cansado, não vou matar, vocês não podem me obrigar, parem de falar na minha cabeça! Eu não

quero, eu sei, eles são escravos imundos, mas não vou matar, eu gosto deles, imundos! Imundos não, são só negros, não vou matar com faca, não! Parem, não falem mais!"

O discurso de meu pai piorava a cada dia, o levamos ao psiquiatra, eu sentia medo de deixar Mikita perto dele. O diagnóstico? Esquizofrenia. Maldita herança dos Guttemberg, o racismo, o preconceito. Quando sob os efeitos de medicação, meu pai ainda era amoroso com meus filhos, mas isso durou pouco. Em uma noite sombria, os remédios de meu pai haviam acabado, Bá me contou, ele parecia lutar contra as alucinações auditivas, ele dizia: "Não! Eu não vou obedecer! Eu não quero matar minha neta só porque ela é preta, ela não tem culpa, meu genro não tem culpa, minha filha, minha branca filha não tem culpa, eu vou voar longe, vou voar para onde não tem negros."

Então meu pai lançou-se na escuridão da noite, pulou a janela de seu quarto e a vida lhe fugiu. Ele estava sofrendo nesta terra, a herança de preconceito o matou, foi engolido pelo próprio pensamento, triste, mas real. No dia de seu sepultamento, Amadou me abraçou e me disse:

- Amor, agora preciso te contar, eu já conhecia seu pai.
- Como assim? Já conhecia? – Perguntei confusa.

– Sim, há tempos o vi no Café Noir, onde ele zombava de uma negra, uma simples garçonete. – Disse ele com sentimento. – Eu ouvi a piada, me levantei e saí, curiosamente por um segundo meus olhos passaram pelos seus. – Meus olhos se encheram de lágrimas, como pode ser possível? Aquele homem que passou por mim naquele dia seria o amor de minha vida, meus planos eram outros naquele dia, eu me lembro bem de minha empolgação com um casamento pomposo e cheio de luxos.

– Uma semana antes eu tinha feito uma consulta ao mestre Abatu. – Continuou Amadou. – Ele me revelou que em uma situação vergonhosa eu conheceria a mulher que mudaria a minha vida, ele tinha razão, meu olhar cruzou o seu naquele dia e hoje estamos aqui.

– Eu não tive outra reação a não ser abraçar Amadou.

O preconceito nos uniu de todas as formas, desde o início, Amadou o sofreu e eu também. Depois do dia do sepultamento de meu pai, eu caí em mim, eu também fui uma das vítimas de preconceito. Quando vigorosa, fui aceita, quando seca, fui rejeitada, a dor do sofrimento me consumiu por algum tempo, Amadou a removeu de dentro de mim delicadamente, por ele eu fui aceita mesmo seca, então seu amor fez a vida brotar em mim. A maldição dos Guttemberg foi quebrada quando uma Guttemberg tornou-se Mbadei, quando café e leite foram servidos na mesma xícara, quando o amor brotou mesmo sem laços sanguíneos. A vida permaneceu para nós e a morte recolheu quem desejava, o cárcere carinhosamente cuida dos feitores de maldade quando mesmo em vida não se tem liberdade. A mim restou amar, meu coração foi purificado pelo amor de Amadou, sem laços raciais ou sanguíneos, a meus pais restou o epitáfio escrito por mim e gravado no sepulcro da família Guttemberg:

*“Racismo é sismo  
Ele desaba o mundo  
Nas falhas do preconceito.”*







# [ROMANCE]

## SINOPSE

“Negrosa” narra uma história de amor marcada pela paixão e pelo racismo. A personagem principal nos guia pelos conflitos de uma sociedade em que a intolerância machuca, destrói as relações e coloca à prova os afetos. Acima de tudo, a obra revela que o amor é modo de resistência e esperança de mudança.

## O AUTOR

Rei Seely é poeta e escritor haitiano radicado em Curitiba. Doutorando em Educação (PUC-PR), coordena o projeto “Mais Leitores, Menos Preconceito”. Publicou “Refugiado Feijoada”, “Negrontologia Poética” e “Cada Dia é um Amanhã: Narrativa de um Imigrante”.

ISBN: 978-65-86198-56-0



9 786586 198560

